

*Est charitas perfectus amor, perfecta que virtus,
Qua sine perfectum nil reperiri potest.*

Tornando pois à beneficencia dos amigos, materia principal da lição presente.

Com todos se deve usar de beneficencia, mas especialmente com os amigos, como no principio fica ponderado; mas se deve advertir, que nem todo o beneficio he beneficio, se não he honesto. A beneficencia talvez he maleficencia, porque agradando ao amigo, offende a amizade, e a faz peor, que inimidade. Estreitos amigos eraõ Rutilio, e Escauro, porém Rutilio havendo-lhe pedido Escauro huma couza injusta, se escusou: turbou-se Escauro a ouvir a repulsa dizendo: *De que me serve tua amizade, se não te devo este beneficio?* E Rutilio respondeo: *De que me serve tua amizade, se por ti hei-de obrigar-me a fazer cousas injustas?* e aqui acabou a amizade, rompeo o amor o arco, e apagou a tã. Que muitos Escauros tem hoje o mundo, que descaradamente pedem sem pejo cousas injustas! Mas, que poucos Rutilios, que resolutamente recusem obrallas. Não menos galante foi a resposta de Pericles, mas menos galante a conclusãõ. Ousou rogar-lhe hum amigo pelo santo vinculo da amizade jurasse falso em seu abono, e respondeo, que os amigos até os altares: he verdade, que quero que sejamos amigos até os altares, e não mais; sentença, que Plutarcho proferia muitas vezes: *Amicis utendum est usque ad aras.* Costumavaõ todos aquelles, que juravaõ solemnemente por as mãos sobre o altar, e por isso foi mais memoravel a sua resposta, que a de Rutilio, mas não rompeo logo como Rutilio a vergonha a amizade. Não he verdadeiro vinculo da amizade, o que enlaça hum falso amigo: falso amigo he aquelle, que pede por beneficio hum sacrilegio, por-

que a primeira ley da verdadeira amizade, como diz Tullio, he não querer do amigo se não o licito, e honesto: *Prima lex amicitie sciatur, ut non nisi honesta pro amicis faciamus, & petamus.* Amidade, que pede o que não he justo, não he, como diz Catao, para descofer, mas para rasgar.

Boa lição de negar deu Rutilio aos Juizes, e Pericles aos amigos: lastimoso seculo, em que se não averigua se he justo para se conceder o que se pede, ou se não he justo para se negar, e só se attende à dependencia de quem pede, estando a justiça do que se pede na balança da dependencia: lastimoso seculo, em que não ha nos Juizes, e amigos resolução para dizer hum não posso, aquem pede o que não deve, se he medianeiro o interesse, ou o respeito: lastimoso seculo, outra vez digo, em que os Juizes, e amigos senão animãõ a dizer hum não posso, a quem pede o que não he justo todas as vezes, que a petição vem apadrinhada da conveniencia: lastimoso seculo, torno a dizer, em que os Juizes, e amigos por se não animarem a perder hum falso amigo, ou injusto protector, se atrevem a cortar pelas leys humanas, e ainda pelas Divinas, sem o pejo, de que he acção esta a que se não atreveraõ dous Gentios sem mais fé, sem mais ley, que a que lhes ditava o lume natural: lastimoso seculo, finalmente digo, em que os Juizes, e amigos por não perderem conveniencias temporais, se expõem a perder as eternas. O que he amigo, não deve pedir o que não havia fazer, nem negar o que já chegou a pedir, como diz Seneca: *Nihil petas, quod negaturus es;* e nos Proverbios affirma, que he incompativel ser honrado, e ser amigo, o que pede couza injusta, e que se nega a si mesmo. Amigo, que pede couza injusta,
naõ

naõ he amigo, porque o verdadeiro amigo deve amar o amigo como a si mesmo, e naõ ama assim, quem pede o que encontra a consciencia, ou o bom nome de amigo. Que mayor inimigo pôde haver, que aquelle, que faz, que a pessoa a quem aborrece, falte a Deos, e perca a honra, bem mais inestimavel deste mundo?

Da beneficencia se deduzem varias leys da amisade, porque supposto que o amor he o unico fruto da amisade, com tudo ainda que à amisade naõ se segue utilidade, a utilidade segue à amisade. Eleger hum amigo necessitado, naõ he proprio da amisade de igualdade; mas se a necessidade sobrevêm à amisade, hum por outro está obrigado a remediar quanto

poder a desgraça, que a hum, e outro pôde acontecer. Saõ mais contingentes as desgraças, que as ditas: logo a primeira ley da beneficencia he fazer ao amigo aquillo, que quizera, que elle lhe fizesse em suas necessidades, porque as acçoens dos amigos devem ser semelhantes em os efeitos; quanto mais, que da beneficencia, que com elles usamos, se naõ segue diminuição das riquezas, que em a necessidade do amigo se dispendem, antes singular augmento com que com felicidade se perpetuaõ, de que saõ testemunhas quotidianas experiencias, das quais formou argumento Joaõ de Wem para o repetir em varios Epigramas, como aqui apontamos:

*Qui bene divitias inopi donabit amico,
Hic omni felix tempore dives erit.
Quas inopi, & dulci lætus donabis amico,
Temporibus nullis eripientur opes.
Munera, si gratis dederis, sis lætus amicis;
Tollit divitias has tibi nulla dies.*

O Imperador Galba dando a vestidura do Imperio ao adoptado Pisaõ, recopilou todas as regras de reynar bem nesta só: *Sê tu tal Principe, qual quizeras, que fosse outro Principe para contigo.* Regras, que observaõ bem os Reys Persas, de quem escreve *Alexandre liber. 4. cap. 23.* que no principio de seus reynados faziaõ aquellas mercês, e graças aos povos, que desejavaõ, que os povos lhes fizessem. Tal he esta ley da beneficencia, como a outra da benevolencia, ambas fundadas em equidade commutativa, sem mais differença, que esta quer fazer bem, e aquella o faz; porém tambem esta ley se deve interpretar como a outra, que a reciprocaçaõ seja de virtuoso a virtuoso, de sorte, que se façaõ pelo amigo aquelles beneficios, que quizera, que o amigo fizesse honestamente por elle.

Muy bem praticada foi esta ley

e posta em execuçaõ por aquelle mancebo, de quem se escreve *na 2. parte de David Perseguido cap. 7.* que aportando em certa Cidade do Oriente, contrahio tal amisade com hum Gentio, que recolhendo-se o mancebo para a sua terra, e naõ podendo o Gentio soffrer as fraudades, que lhe causava esta ausencia, se resolveo a embarcar-se com as immensas riquezas, que possuia, a vir viver com o amigo, e o poz em effeito com taõ adverso successo da fortuna, que padecendo lastimoso naufragio, naõ livrou mais que a vida, e chegando à presença do amigo em taõ miseravel estado, que nem ainda tinha com que encubrir a desnudez com que nascera, experimentou nelle huma correspondencia taõ fina de verdadeira amisade, que repartio largamente com elle da fazenda que possuia, e o casou com huma sua parenta, com quem

quem viveo largamente com muita felicidade, para testemunho de que a ventura de se achar hum verdadeiro amigo, contrasta, e vence as mayores desgraças, e exemplo raro ao mundo de huma verdadeira amizade. Oh se as amizades, que hoje se usão, forão com tanta fineza! Mas todos hoje são amigos dobrados, que só se fazem amigos ao tempo da abundancia, em chegando as desgraças são traidores; e agora se entende o quanto certa seja a sentença de Plutarcho, que diz, que na fortuna contraria se conhece quam poucos sejaõ os amigos verdadeiros; *Adversa fortuna declarat quam multos habeas amicos*; porque assim como a prosperidade, diz o mesmo, he o íman mais attractivo para ajuntallos, assim o infortunio he a pedra de cevar mais fiel em distinguillos: *Secundæ res parant, adversæ probant*; sendo só verdadeiro amigo o que igualmente acompanha na desgraça, e na fortuna; e he muito para sentir, diz Plutarcho, os amigos fingidos, quando delles como verdadeiros necessitamos: *Grave est tunc sentiri qui non sunt amici, quando amicis opus est* Dos cachorrinhos das Raposas dizem os naturais, que

*Dùm fueris felix, multos numerabis amicos:
Tempora si fuerint nubila, solus eris.*

Porque tais amigos são como a sombra, que em tempo nublado se não divisa, e estes em o nublado infortunio se não conhecem, como explicou *D. Francisco de la Torre no Epigrama 95. do lib. 3. de Wem nos conceitos seguintes*:

En tanto que el Sol alumbra
Al Orbe obscuro, es del cuerpo
La sombra unido individuo,
Y constante compañero.
Mas luego que em negras nubes
Se empaña el ayre sereno,
Al punto te vá dexando

quando em os peitos das mãys não achão leite, as mordem, e maltrataõ como estranhos; dos mullos crevem os mesmos, que tanto que se fatifazem aos peitos das mãys, lhes daõ couces; e temos isto em os livros, e nos parece mal taõ preveria inclinacão; e não nos affrontamos de imitallos em nossas interessadas amizades ou aos perros, que em tanto andaõ com osso, em quanto sentem que lhe tirar; sendo tais como as bestas, e conchas do mar, que com a Lua cheya crescem, e com a mingunte minguão, como escreve *Geminiano lib. 5.* ou como as Andorinhas, de quem conta *Eliano lib. 1. de animal. cap. 5.* que no tempo alegre do Veraõ nos visitaõ já pelas portas, já pelas janellas cantando, e alegrando-se todas, mas em assomando o tempo frio do Inverno, nos deixaõ ás boas noites, ou para melhor dizer, aos mãos dias; ou finalmente às Hienas, e Lebres, de quem conta o mesmo, que hum anno são machos, outros femeas. Lá disse Ovidio, que em quanto sopraffe o vento em poupa, contaríamos muitos, e que em se nublando o Céu, nos acharia-mos sós:

La que antes te fuè figuiendo.
Mientras luzes tu fortuna,
Te sigue el amigo atento,
Que solo es tu sombra, quando
Brilla el Sol, y alegra el Cielo.

E accrescentando huma copla, parto de seu agudo, e proprio discurso, faz allusivo o retrato de sombra a conveniencia destes amigos, como nella se nota:

Sombra de amigo se nonbra,
Y en esto mismo reparo,
Que estar del otro al amparo
Se llama estar a la sombra. Bem

Bem o experimentou aquelle Cavalheiro, de quem se elcreve no dito *cap. 7. de David Perseguido*, que por ser abastado de bens, maneava as rendas Reaes, e era dono do thesouro, o qual tinha tres amigos, entre os quais dous delles tinhaõ o melhor lugar na sua benevolência, e beneficência, cõ os quais dispedia cõ mais larga maõ os seus affectos, e a sua fazenda: succedeo logo, que tomando-lhe contas, ficou alcançado em tamanha soma de dinheiro, que não chegava a satisfazello toda a fazenda, que possuia, e lembrando-se neste aperto dos dous amigos, e buscando o que tinha o primeiro lugar no seu affecto, e o tivera na sua fazenda, lhe significou o aperto em que estava, e a necessidade, que tinha do seu agradecimento, mas este lhe respondeo, que tinha casa, e filhos a que acudir, e que o não podia ajudar; e recorrendo ao segundo, experimentou a mesma correspondencia: triste, e desconfolado, se foi por ultima appellação ao terceiro, que menos amara, e com quem menos dispendera, e deste, de quem menos fiava pelo pouco, que lhe havia merecido, achou generoso remedio a sua necessidade, de que agradecido, despertou lagrimas o gosto a vista da bizzaria, e entre suspiros começou a chorar seu passado engano dizendo:

„Ay de mim, q̄ enganado vivi quan-
 „do tive com que obrar; que vão sahio
 „meu affecto em tomar tais amigos;
 „que pouco discorria em não estimar
 „este, que o merecia; aos falsos dei
 „minha fazenda, e ao amigo verda-
 „deiro a penas fiz hum favor este só
 „he amigo, que na necessidade não
 „falta, aquelles são traidores, que em

Rebus in adversis patientia vera probatur:

Rebus in adversis vera probanda fides.

E dá a razão em outro Epigrama não menos elegante, dizendo, que os amigos, que nos acompanhaõ só nas

„tempo de bonança são só amigos. De sorte, que de quem menos pensou este Cavalleiro, se achou remediado, e focorrido. Oh como entaõ diria com Cicero, que o amigo certo se conhece na fortuna incerta: *Amicus certus in re incerta cernitur!* Cuidado pois em buscar amigos. Eraõ aquelles dous como hum, que não sabia apartar-se da casa de hum rico com cordeal amifade, ao qual disse *Juvenal*: *Sabeis o que se pensa desta vossa affeição, que mostrais à casa; que vos não traz a ella o dono, senão o tifno de sua chaminé*: querendo dizer, que não era amifade, senão fome, porq̄ havia boa panella, de que as vezes lhe cabia parte; e tais amifades, e visitas pouco mais se devem estimar, que a importunidade das moscas, que acodê à mesa; havia de haver aventador para enxotallas: mais moscas se achaõ em as cosinhas, que em outros lugares, e poucas Graças, que acudaõ ao cheiro da comida. O mesmo *Horacio* disse na *satyra 5.* que a amifade he huma Nimpha, a que chamaõ Graça; e a razão deve ser, porque se a amifade não he graciosa, não he de estima, e para mostrar quam sem respeito, ou interesse deve proceder, a pinta nua *lib. 4. Ode 7.* Era este terceiro amigo semelhante à cal viva, a qual compara Geminiano à verdadeira amifade, porque assim como a cal viva com o azeite se focega, e se amansa, e com a agua se aviva, e ferve, assim o verdadeiro amigo com o azeite da bonança, e prosperidade do amigo se focega, com agua da tribulação, e trabalho ferve. Na tribulação, e trabalho se conhece o verdadeiro amigo disse *Wem*:

riquezas, não são nossos amigos, mas amigos do nosso:

*Quem tibi divitiæ peperere, est falsus amicus,
Argentum, non te diligit, ille tuum.
Juvenies multos, si tibi floret, amicos:
Si fueris pauper, nullus amicus erit.*

Pithágoras, que à grande Grecia en-
finou as leys da amisade, poz por ley,
que entre os amigos todos os bens
fossem communs: quera desterrar este
Philosopho da amisade aquelles dous
demonios da discordia *meu, e teu*, e
por isso fez cómuas todas as proprie-
dades dos amigos, as profiçoens, o
dinheiro, as casas, os vestidos, e ain-
da as mulheres: mais isto era excluir
hum demonio com outro péor. Esta
ley era em parte inhonesta, e em par-
te incivil: honesta, em quanto fa-
zia commuas aquellas cousas, que
honestamente o não podem ser. Não
dar o que se deve, e dar o que não he
licito, he igual crime na amisade: a
verdadeira amisade faz tudo cómun
entre os amigos desta maneira, que
hum, e outro seja dono de seus bens
proprios, mas que hum, e outro este-
ja obrigado a communicar ao outro
em a occasião tudo aquillo, que re-
quere o amor reciproco, racional,
e honesto; e assim hum não despoja
a outro, e ambos gozaõ os bens hum
do outro: ambos estaõ prezos; am-
bos estaõ livres. Quem totalmente se
despoja do que he seu, já não póde
fazer beneficio. Quem consome o ca-
bedal, se priva de empregallo. Aca-
bada a beneficencia, está acabada a
amisade; e daqui nasce dizerem os
Juristas, que as doaçõens universais
são nullas, porque privaõ de todos
os bens, e repugnaõ aos bons costu-
mes. Quais beneficios faça hum ami-
go a outro, amigo quando a amisade
he perfeita, se póde observar pela idéa
de muitos celebres exemplares.

L I Ç A M XX.

Do Agradecimento.

SE ao beneficio se deve seguir o
agradecimento, justo he, que
se na passada lição a demos aos
beneficientes, nesta a demos aos
agradecidos, sem a censura de que
deixamos o fio da materia, que ti-
nhamos entre mãos, para passar a tra-
tar diferente; porque sendo o bene-
ficio pay do agradecimento, como
disse o Seneca, e o pay, e o filho,
na censura dos Juristas, huma mesma
cousa, não póde ser muy diferente
a materia, quando não possa ser iden-
tica. He o agradecimento huma vir-
tude, que dá, e rende as graças aos
bemfeitores, conforme *Santo Thomaz*
2. 2. *quest.* 106. *artic.* 1. a mais lou-
vavel de todas as virtudes, a mais
agradavel a Deos, e aos homens, a
mais bem denominada, como diz *Ju-
bel*, lib. 7. *cap.* 1. a mayor de todas as
virtudes, a máy de todas, como diz
Cicero, na *Oração pro Cneo Planco*;
huma graça prenhada lhe chama *Plau-
to in Capti.* porque dá de presente,
e promete de futuro.

De muita, e de nenhuma memo-
ria se adornaõ os braçoens da verda-
deira beneficencia, porque de muita
necessita hum animo generoso para
ser agradecido, e de nenhuma o que
applica o beneficio, como diz *Seneca*:
*Alter statim oblivisci debet dati,
alter accepti numquam.* Não póde ser
muito agradecido o que não for mui-
to lembrado; nem póde haver animo
generosamente agradecido, que não
for valentemente memorioso. A lem-
brança do beneficio he a primeira re-
gra do agradecimento, diz *Cas.* in
Parte 5. e Seneca no liv. dos Benefic.

Quem

Quem agradece os benefícios, faz merecimento para receber mayores; porque assim como he o penhor mais seguro, e a prenda mais certa para continuallos hum animo generoso, o havellos começado, assim tambem he o meyo mais efficaç para que ao primeiro se figaõ muitos a hum animo necessitado, o havellos agradecido. O que recebe o beneficio, escreve Seneca vendo a liberdade: *Beneficium accipere, vendere libertatem est.* Cati-vo está em quanto o não remunera; prezo está em quanto o não agradece. Não he homem livre o que vive obrigado: a tres irmans chamaraõ Graças os Gentios Gregos, como escreve o Poeta Hesiodo, e pintavaõ nas olhando humas para as outras, dadas as mãos, e sempre moças, porque huma começa fazendo obras, que merecem recompensa; a segunda agradece dos beneficios a serve, e offerece joyas, e daqui resulta a terceira, que tem tudo, a qual recompensando com dadas, merece por seu agradecimento novo retorno, e ficaõ entre si obrigadas, dadas as mãos pelo que com ellas daõ, e sempre prisioneiras humas das outras; e a vantagem que tem, he ser cortez o carcereiro, e tambem prisioneiro das mesmas, que tem prezas.

O agradecimento não ha de consistir só em palavras, moeda com que muitos pagaõ, e poucos se daõ por satisfeitos. Desde o tempo dos Gregos se ha passado aos Latinos hum adagio, que diz, que quem tem necessidade de allumiar-se, deite azeite na alampada, que não basta aticalla com palavras, mas he necessario que se ceve com azeite. Com boas obras, e beneficios se sustenta a amizade; faltando, morrerá como a alampada sem azeite. Sem obras he como véla acceza encuberta, que luz para si, sem aproveitar a outrem. O mundo chama às palavras folhas, contrapondo-as às obras, que são o fruto; e como não

se satisfaz a fome com folhas, menos com palavras. Verdade he, que não menos com obras, que com palavras, se deve mostrar o agradecimento, como nos ensina S. Joaõ na sua primeira Epistola. De mãos, e de lingua, diz Cicero, necessita o agradecido: desta para pregoar o seu agradecimento, e daquellas para desempenhar a sua obrigação. Conta Henrique Estéphano, que tinhaõ por costume os Gentios em os sacrificios, que faziaõ, tirar primeiro a lingua ao animal, que haviaõ offerecer, e dala ao pregoeiro do Povo; e diz Veiga, que o intento desta cerimonia foi, porque como a pertençaõ dos sacrificios era alcançar algum beneficio, que se pedia a Deos, prometiaõ dar-lhe graças com obras, e com palavras, e como dando de antemaõ o final ao pregoeiro, significando, q' lhe ficava a lingua, instrumento das palavras, com que seriaõ pregoeiros das mercês, que de Deos recebessem, e que as suas lingoas seriaõ lingoas de pregoeiros para annunciarem, publicarem, e celebrarem os beneficios que recebessem. As obras, e palavras do agradecido, quando não excedaõ o valor do beneficio, deve ao menos igualallo, porque não se livra de toda a obrigação quem não satisfaz toda a divida, como ensina o direito.

Substituem as palavras às obras, quando a impossibilidade de quem recebe o beneficio, o não póde igualmente satisfazer com obras, e com palavras; e a este proposito diz Seneca elegantemente *no liv. 4. dos Benef. cap. 21.* que assim como não deixa de ser official em a sua arte, o que por falta de instrumentos não se exercita nella, nem destro o musico, quando algum ruido de fóra o impede ser ouvido; da mesma maneira não deixa de ser agradecido o que tem vontade de sello, supposto que ao impossibilitado faltem obras; e por isso em outro lugar do mesmo livro disse, que

fatisfazia com o beneficio quem com vontade de o fazer, fez diligencia para executar: *Qui omnia fecit, ut beneficium redderet, reddidit*, porque a boa vontade he tambem aceita em

Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas:

Hac ego contentos auguror esse Deos.

Bem póde acontecer, que seja ingrato o que com obras corresponde ao beneficio recebido; e pelo contrario ser agradecido, o que falta nellas, quando a falta não he nascida da vontade, mas da impossibilidade. Culpa he da fortuna, que deu poucas forças ao que deseja, e não póde recompensar as dividas. O beneficio recebe o valor, e estimação da vontade com que se obra; se he parto de huma grande vontade, ainda que seja muy pequeno no valor, deve ser grande na estimação. Da mesma sorte o agradecimento recebe da vontade com que se executa, a estimação com que se recebe; se he nascido de huma vontade agigantadamente agradecida, ainda que seja limitado no effeito, he muy grandioso na causa; e quem sa-

peitos nobres, como o podem testemunhar os que de illustres se acreditão, e nós o abonamos com Ovidio que nas suas Elegias diz estes versos:

tisfaz com tudo quanto póde, desobriga-se de tudo quanto deve, moeda com que pagou o Sabio Diógenes a seu amigo Diótimo, segundo refere Eliano, quando não tendo com que satisfazer hum pouco de dinheiro que lhe devia, disse: *Os Deoses te dem tanto, quanto desejas, e eu te quizera dar em agradecimento deste beneficio;* porque ainda que diga Seneca, que o beneficio se deve pagar com igual correspondencia: *Eadem mensura reddere debes, qua accepisti*, com tudo, quando esta por impossibilidade se impede, se deve aceitar o desejo com que se significa, como refere o mesmo: *Cui gratia non potest referri quanta debetur, habenda tamen est pro animi viribus quantam offerre volumus.*

*Exiguum munus, cum tibi pauper amicus,
Accipito placidè & plenè laudare memento.*

Os animos, quanto mais cortezes, e bem nascidos, tanto devem ser mais agradecidos, porque como escreve Seneca, tanto he mais agradecida, e fecunda a terra cultivada, quanto são mais gratos aos beneficios os homens urbanos. Não ha que esperar dos areas grosseiros grandes frutos, nem que falte primorosa correspondência a terra bem cultivada, nem aos cortezaos agradecimentos a falta de poder em as lembranças. Rustico faz ao homem o desattento ao seu bemfeitor, e cortez o memorioso em materia de beneficios. O correspondente não só ha de olhar como prenda que o faz cortezao, mas como seguro de conse-

guir mayores ventagens de mãos dos Principes, que mais que todos achão menos a desattenção a seus beneficios. A todos os bemfeitores se devem agradecidas memorias, mas aos Soberanos mais; já porque são mais excellentes seus favores, já porque são os esquecimentos desprezos, e castigará com mais pesada mão os desaires, quem a teve para favorecer mais poderosa; já porque o cabedal dos Principes tem mayor esfera para repetir beneficios, e não ha violencia mais activa para negociar novos favores, que agradecer com o conhecimento os recebidos, defendividando-se com as memorias, e fazendo

boa capacidade com haver agradecido, para ter menos beneficios, que agradecer; porque he o agradecimento hum ninho, em que torna a pôr segundo ovo o que poz o primeiro, e faz novos beneficios o que sente agradecimento, e rastrô dos passados, como sobre *os Psalmos* diz *Veiga*. Nem a Deos, nem aos Principes, nem aos Pays, nem aos Mestres se pôde retribuir com digno agradecimento, como enfina *Aristoteles lib. 8. & 9. Ethicorum*, porém o mesmo afirma ser sufficiente o que he possível.

No agradecimento não deve haver vagares, porque estes diminuem os beneficios, e criminaõ o agradecimento. Com a mesma pressa que se deseja o beneficio, se ha de executar o agradecimento: suspeitas tem de ingrato, quem não he logo agradecido, como diz *Tacito lib. 1. Annal.* Conta *Nicéphoro lib. 12. cap. 42.* que vendo Placida, mulher do Imperador Theodosio, os vagares com que o mesmo agradecia a Deos o beneficio de o haver subido ao Impepio, o advertio, que não quizesse dilatar o agradecimento, porque seria reputado por ingrato. Dá duas vezes, o que dá cedo; agradece duas vezes, o que logo agradece. De Felippe Rey de Macedonia, chamado Hiparco, refere *Seneca de Benef. lib. 5.* que morrendo-lhe hum grande amigo, mostrou grande sentimento, do qual o quiz consolar hum privado seu, dizendo que já não hia malogrado, por ser muy velho, a que respondeo: *Para si morreo a tempo, mas não para mim, porque a morte mo tirou antes que podesse com obras iguais mostrar-me agradecido a seus beneficios*: parecendo-lhe que ficava em prizoens por dividas, que já não podia pagar, nem fahir do carcere em q̄ tinha prezo a sua obrigação, porque como diz *Seneca*, quem recebe beneficios, encontra prizoens, que lhe cativaõ a liberdade, das quais se não isenta, em quãto com

agradecimento não corresponde: *Qui beneficium invenit, compedes invenit.*

He muy curiosa questãõ entre os Politicos, qual deve ser mais agradecido, se o que recebe beneficios dos amigos, ou se o que os recebe dos estranhos? Por esta parte está, que tanto deve ser mayor o agradecimento quanto he menos merecido o beneficio; ajuda tambem, que se cresce a estimação das cousas, que sem esperança se conseguem, deve crescer o agradecimento das que fóra della se alcançaõ. O amigo em dispender beneficios, satisfaz com o que deve, porque não será amigo, se não for beneficiante: mais o estranho em repartillos com largueza, faz o que não he obrigado, porque supposto que o fazellos seja generosidade, não he com tudo obrigação: este obriga, dando de antemaõ, e aquelle desobriga-se, pagando o que já he devedor. Quem paga o que deve não obriga; mas quem dá o que não deve, sim; e sendo o agradecimento effeito da obrigação, não está obrigado, quem não for devedor, a ser agradecido.

Pela outra se considera, que entre a beneficencia amigavel, e a beneficencia liberal, ha esta differença, em que não se dá nesta queixa de ingrato, mas naquella sim; porque a amizade he essencialmente reciproca, e a liberalidade não. O liberal faz beneficio a hũ estranho, mas não deve pedir a recompensa: o amigo faz o beneficio ao amigo, e a deve pedir em a necessidade: faz aggravo ao amigo, o que recorre a outro primeiro, que a elle; porque a reciproca beneficencia he igualdade commutativa da amizade; e sendo mais devedor o amigo, que recebe do amigo, que o estranho, que recebe do liberal, deve ser mais agradecido o amigo, que o estranho; porq̄ a medida da obrigação deve ser o agradecimento. De mais, que o libe-

beral dá por respeito de si, e o amigo por respeito do amigo, e mayor agradecimento se deve a quem faz beneficios por respeitos alheyos, do que a quem os obra por respeitos proprios. Accresce mais, que menor agradecimento se deve a quem dispen-

de menos, do que a quem dá mais; o amigo dá tudo, porque se dá a si mesmo, como refere Wem de certo amigo, que não tendo que dar, se offereceo a si mesmo; e quem a si mesmo dá, não lhe fica mais que dar:

*Expectas Philiraste, tibi dum munera mittam,
Nil habeo, quod dem nunc tibi, præter ego.*

O liberal dá huma pequena parte de seus bens, e lhe fica muito mais; e assim merece mais agradecimento quem dá mais; mais merece o amigo, que dá tudo, que o liberal, que dá parte.

A esta questão dera eu esta resposta, que huns, e outros devem ser agradecidos; mas com esta differença, que o que recebe do liberal, deve agradecimentos por effeitos, e o que recebe do amigo, deve effeitos por effeitos, porque nestes se torna em justiça a beneficencia. Grandes exemplares de agradecidos nos offerecem as Historias, de que copiaremos brevemente alguns, para que o exemplo faça agradecidos, os que não fizerem as razoes, que ficão brevemente ponderadas. Elcreve Fulgoso, que houve na Asia hum Rey, chamado Eumeno, tão amigo de hum seu irmão, que tendo elle hum seu filho, deixou por sua morte o Reyno a seu irmão, o qual foi tão agradecido ao Rey defunto, que deixou em sua vida o Reyno a seu sobrinho, filho de seu irmão, e tendo filhos proprios, lho não quiz dar. Era Principe nobilissimo, e não quiz faltar a tão justo agradecimento. De Dario escreve *Valerio Maximo*, no quinto *liv.* que sendo moço, vio huma capa rica a hum Cortezaõ, chamado Sizolon, e parecendo-lhe tambem a invenção, feição, e fineza della, a desejou em extremo, o que sabendo o Cortezaõ, lha offereceo: estimou o Principe tanto aquelle serviço, que

o trouxe sempre na memoria para lho pagar, quando para isso tivesse possibilidade; e tanto que foi Rey, lhe deu por ella huma rica, e populosa Cidade. De Romulo, e Remo se lê em Plinio, e Livio, que em agradecimento, de os haver criado huma Loba, lhe erigiraõ simulacro. A Antonio Musa determinou o Povo Romano lugar proximo a Esculapio, Deus da Medicina, por haver curado a Augusto de huma perigosa enfermidade. Em agradecimento da piedade, q̄ teve com sua Mãe Mario Coriliano, diz *Valerio lib. 2. cap. 2.* que por espaço de dez mezes choraraõ as matronas Romanas a sua morte. As mesmas honras, que os Gregos tinhaõ determinado a Hercules pelas espantosas maravilhas, que executou, consagraraõ a Hypócrates em agradecimento de haver mandado, e repartido seus discipulos por toda a Grecia para curarem o mal contagioio lá à vizinhança do Illyrico. A Cidade de Athenas escreve Fulgoso, que em agradecimento dos insignes serviços, com que o insigne Capitaõ Aristides a defendeo dos Persas, lhe dotou do publico as filhas, q̄ sahiraõ do Palacio para casa de seus maridos, e a seu filho Lisimaco assignou congrua quotidiana, para que honesta, e commodamente passasse a vida. Urfino Romano levantou publica Estatua em Roma, com publico letreiro, a hum seu criado, em agradecimento de que vindo hum dia huns soldados para o matarem, o criado se vestio com os ves-

vestidos do amo, e se lançou sobre a cama do senhor, para que cuidassem os inimigos, que era elle Ursino, e que mataffem antes a elle, que ao senhor, e assim foi, porque no mesmo tempo foraõ ambos o criado morto, e o senhor livre, porque em quanto estavaõ matando o criado, teve o senhor tempo para se por em salvo. Mandou Tiberio prender a Agrippa a huma arvore junto do Palacio, para dallí ser levado ao carcere, o qual pelo ardor do sol, e molestia do animo padecia grande sede, que lhe remediou Teumaste, fervo de Cayo, o qual succedeo a Tiberio, e fez a Agrippa Rey de Judéa, que em agradecimento da agua, que em tempo da necessidade lhe offereceo Teumaste, o levou consigo, fazendo-o Procurador do seu Reyno, e morrendo, deixou a sua mulher, e filhos, que o tivessem sempre consigo no melhor lugar. O Imperador Henrique II. por se haver criado em hum lugar de Saxonia, chamado Hildesheim, o erigio a Cidade, e a Bisgado, e honrou com grandes privilegios. Conta *Herodoto lib. 6.* que Cresso, Rey de Lidia, em agradecimento da urbanidade com que Alémono Atheniense tinha recebido a seus Legados, mandou com diligente cuidado buscar hum Atheniense, e o dotou com tanto dinheiro, que elle podesse huma vez carregar. Escreve-se, que querendo o Papa S. Leão Solemnizar o dia da sua eleição pela mercê, que Deos lhe fizera em fazello na terra seu Vigario, lhe veyo ao pensamento lhe seria notado de soberbo, mas que veyo a resolver-se, que melhor lhe estava perigar sua humildade, que seu agradecimento, e que antes quizera arrisgar-se a ser julgado por altivo, que conhecido por ingrato.

Muitos são os exemplos, que temos referido, e muitos mais os que podera-mos relatar, se a brevidade

com que escrevemos, nos permittira mais extençaõ; mas porque está hoje no múdo taõ desconhecido o agradecimento, que a penas lhe sabem já hoje os homens o nome, quanto mais os effeitos, nos pareceo necessario dilatarmo-nos em persuadillos com o exemplo dos peixes do mar, aves do ar, e animais da terra, que supposto que carecem de razaõ, se mostraõ agradecidos a seus bemfeitores. Conta Plinio, tratando do natural Dos Golfinhos, que recolhido hum no lago Lucrino, se afeiçoou tanto a hum menino, porque quando hia à escola, costumava dar-lhe paõ, que todos os dias se chegava à parte donde podesse vello, e o menino, por não rodear a dalagõa, se punha à borda della, e chamava o peixe, que acodindo com presteza, chegava o lonbo, em que se subia o menino, e o Golfinho o levava pelo meyo da agua à outra banda da lagõa, e o deixava para se ir à escola, e quando sahia o tornava a chamar, e o punha da mesma parte donde o havia levado: durou este agradecimento por alguns annos, até que o menino, e o peixe morreo tambem de puro agradecido. Escreve Crates, que andando dezafeis homens segando, mandaraõ hum a buscar agua, o qual vendo huma serpente enroscada em huma Aguia, matou a serpente, e livrou a Aguia; e trazendo a gua, a deu aos segadores para que a bebessem, e querendo elle fazer o mesmo, veyo a Aguia, e quebrou-lhe o pote, e olhando aos companheiros, os vio mortos, e entendeo que agradecida a Aguia, lhe quebrara o pote por não beber a peçonha, que sabia tinha a agua, pagando hum beneficio com outro em tudo igual. Em Roma foi condemnado a feras Andrónico, e lançando-lhe hum ferocissimo Leão, esteve quêdo, como admirado; e depois começou a chegar-se ao homem, e afagallo com mostra de agradecimento,

to, de que admirados todos os que viraõ taõ admiravel caõ, perguntaraõ a Andrónico a causa de tamanha novidade, o qual respondeo, que estando em Africa, vivia taõ mal tratado de seu senhor, que resolvendo-se a buscar antes companhia das feras, que experimentar taõ extraordinarios defabrimentos, fugira com effeito, e se metera por hum espantoso deserto, em o qual se recolhera a huma cova, por se abrigar dos calores do dia, e dos frios da noite, aonde fora ter com elle aquelle Leaõ com o pé doente ensanguentado, dando grandes gemidos, significadores da tua dor, e se fora a elle, que o curasse, o que fizera, tirando-lhe do pé hum grande espinho, de cujo beneficio nascera aquelle agradecimento; de que admirado o Imperador, lhe deu a vida, e o Leaõ. Não menos agradecido foi outro, e de que falla Bernardo de Guido na sua Chronica, a quem hum soldado de Godfredo livrou de huma serpente, que quasi o tinha morto, de que ficou o Leaõ taõ agradecido, que o servia; e vindo-se este soldado, a que chamavaõ Gollerio, veyo com elle o Leaõ até o porto, e naõ querendo os marinheiros metello na Náo, por temor da sua ferocidade, partiraõ, entregando-se às tépestuosas ondas do mar Mediterrâneo, e o Leaõ vendo que se partia a Náo, aonde hia seu senhor, se lançou a nado atraz, e vendo, que a naõ podia alcançar, se deixou ir ao fundo. Refere Santo Ambrosio, que matando hum homem outro de An-

tióchia, se acolheo, e com o morto ficou hum caõ, dando muitos uivos, com que significava a dor, e sentimento, que tinha na morte de seu senhor; e vendo gente, e entre esta o matador, o caõ se lançou a elle, e afferrou de maneira, que confessando o delicto, foi por elle como merecia castigado. De outro caõ escreve Plinio lib. 8. que vendo, que metiaõ a seu senhor em huma fogueira, elle se meteo juntamente, e se queimou com elle. Com igual agradecimento se houve aquelle caõ, de quem escreve Eliano, que indo seu senhor para huma feira, que se fazia na Cidade de Athenas, situada em Jonia, e apartando-se do caminho, perdera a bolça, com a qual ficara o caõ, e voltando o senhor dahi a tempos, achou a bolça, e o caõ morto, que quiz mais morrer à pura fome agradecido, que viver ingrato. Finalmente o mesmo Plinio refere, que huma Aspide, estando já mansa por hum Gitano, parira dous Aspidinhos, hum dos quaes matara hum filho do hospede, porém a mãy reconhecendo a má satisfação, que dera a quem devia taõ bom agasalhado, matando o proprio filho, remediou agradecida na morte do filho ingrato a obrigação, que tinha ao seu bemfeitor. Se tanto agradecimento ha até nas feras, que razão ha para que o homem naõ seja agradecido, quando naõ seja mais bruto que as mesmas feras, mais rustico que os mesmos peixes, mais descortez que as mesmas aves?

Semper inoblita repetam tua munera mente,

Et mea tellus sentiet esse tuum.

L I Ç A M XXI.

Da Ingratidão.

Define-a Santo Thomas 2. 2. *Quest. 107. art. 1.* dizendo que he hum peccado, que tira o devido agradecimento, divida da honestidade; e Seneca *Epist. 82.* diz, que ingrato he todo aquelle, que sem uiura satisfaz todo o beneficio. São Basilio na sua *Quaresma, tom. 4.* chama a ingratitude inimiga d'alma morte dos merecimentos, perdição dos beneficios, dispersão das virtudes, vento que seca a fonte da piedade, o orvalho da misericordia, e as correntes da graça. Santo Agostinho, raiz de todos os males, mãy de todos os vicios, aborrecida ainda dos mesmos inimigos, a quem offende a ingratitude. Todos sabem a divisaõ do Imperio Romano em tempo de Cesar, e Pompéo, as amizades, que houve entre os dous; e com tudo escreve Plutarcho, que hum Romano, chamado Marcelino, seguindo a parte de Pompéo, recebeu delle gran-

Dum me captares, mittebas munera nobis:

Postquam cepisti, das mihi Rufe, nihil.

Quatro especies ha de ingratos; huns, que negaõ os beneficios, outros, que os dissimulaõ; huns, que se esquecem delles, outros, que se lembraõ para pagallos com males. Por todos discorreremos com brevidade, e vamos aos primeiros. Os que negaõ os beneficios recebidos, saõ verdadeiramente ingratos: longe está de os agradecer, o que os chegou a negar. Ingratidão he esta, que Mendonça no *liv. 1. dos Reys cap. 1. no 19.* a valia por tamanha, que não tem outra igual. Esta commetteraõ os Israelitas, que negaraõ a Deos o beneficio de os haver livrado de todos os seus males, e tribulaçoens, como se lê no lugar citado, em que se mostraraõ muito

des beneficios, e favores, e passando-se depois ao bando de Cesar, dizia muitas vezes no câpo palavras afrontosas contra Pompéo, soube-o Cesar, e não podendo soffrello, lhe disse: *Naõ te afrontas, Marcelino, de ter lingua contra aquelle, por cujo beneficio a tens para fallar entre as gentes; sendo tu hum homem encontrado, como podes ter lingua contra quem de mudo, te fez fallador, e de faminto te fartou tanto, que já vomitas contra elle?* Oh quantos destes ingratos se acharaõ hoje no mundo! E se como diz Seneca, não agradece o beneficio, o que publicamente o não agradece: *Ingratus est, qui remotis arbitris gratias agit;* que havemos nós dizer do que ao beneficio recebido corresponde com publicas afrontas? E se he desagradecido o que limita o agradecimento pelo beneficio, como diz o mesmo: *Ingratus est, qui in referenda gratia secundum data videt,* que nome cabe àquelle, que pela beneficencia repõem injuria, pelo favor opprobrio, e pela mercê deshonor?

ingratos, e mais brutos que as feras, porque estas reconhecem os beneficios. Piores saõ os homens, a quem os beneficios não dobraõ, e abraõ, que as feras, que com elles contra sua propria natureza se modificaõ, e amañaõ.

Naõ meõs ingratos saõ os que dissimulaõ os beneficios, que os que os negaõ; antes na opiniaõ de Seneca corre igual paralelo, porque taõ distante está de os agradecer o que os nega, como o que os dissimula: não vai mais differença de negar a dissimular os beneficios, que explicarem estes a sua ingratitude com o silencio, e aquelles com as vozes; e sendo entre os Juristas regra certa, que me-

rece

rece o mesmo juizo o que se exprime por palavras, que o que se significa com o silencio, vale o mesmo negar fallando, que negar callando. São taõ quotidianos os exemplos destes ingratos, que julgamos desnecessario o referillos.

Muito piores que estes dous generos de ingratos, são os que se esquecem no juizo de *Seneca lib. 7. de Beneficiis cap. 1.* porque aquelles (diz o mesmo) se não pagão, devem; e póde acontecer, que em algum tempo, movidos de alguma causa, se movão a ser agradecidos; mas estes, de cuja lembrança se riscou as memorias dos beneficios, em nenhum tempo dão esperanças de serem agradecidos, e por isso foraõ por elle sentenciados por ingratos no superlativo.

Mas sobre estes generos de ingratos ha outros muito mayores que os referidos, com tanto excessõ, que faltaõ à copiosissima lingua Latina palavras com que explicallos, porque o mayor encarecimento a que chega a dita lingua, he ao superlativo das cousas, termo o mais encarecido com que explica o grão ultimo, a que podem chegar as humanas açcoens. Estes são os que pagão beneficios com agravos, bens com males, homens taõ extremosamente desagradecidos, que não satisfeitos com ficarem explicados pelo superlativo de ingratisimos deitaõ a barra muito além dos termos da explicação humana; mas que muito he que faltem termos com que se explique hum tamanho genero de ingratos, que passando os de humanos, e excedendo os dos brutos, ficaõ já não só fóra da razaõ, mas ainda do natural instinto, que a natureza concede aos brutos, e a ingratitude tirou a este genero de ingratos, muito semelhantes ao mar, que recebendo dos rios a agua saborosamente doce, lha retorna desabridamente lalgada; aos mulos, q̄ bebendo nos peitos das

mays o suave leite com que se sustentaõ, lhe retribuem com couces, que as maltrataõ; à hera, que subindo ao alto da arvore, a que ambiciosa se arrima, lhe tira ingrata o succo com que se alimenta.

Cheyas estaõ as Historias sagradas, e humanas de exemplos deste genero de ingratos, que servem de espantosa admiracão a quem os ouve, mas de nenhuma emenda a quem os lê. Quem não admira a ingratitude de hum Adaõ, que recebendo da poderosa mão de Deos os mayores beneficios, que outra nenhuma creatura, pagou taõ mal a todos estes beneficios, que a poucos passos, depois de havellos recebido, se atreveo ingrato a encontrar o preceito? Quem não admira a ingratitude de huma Athenas, que recebendo de Sócrates, o mais sabio de todos os homens no sentimento de Apollo, os preceitos mais uteis para a felicidade da vida, mandou ingrata matallo com veneno? Quem não admira a ingratitude da mesma Athenas, que em pago do famoso Melciades haver derrotado cem mil homens de pé, e dez mil de cavallo, com que a invadio Dario, terceiro Monarcha dos Persas, com só onze mil homens, o meteo em prizaõ, em que morreo por trezentas libras?

A quem da mesma forte não afombra ver, que a mesma Athenas desterroo ao famoso Capitaõ Temistocles, depois que com cem mil homens venceu, e derrotou hum exercito de hum milhaõ de homens, com q̄ passou sobre Athenas Xerxes, Monarcha quarto dos Persas, estimulado da derrota, que havia padecido seu pay Dario? Quem não admira a ingratitude de Aristóteles, que bebendo toda a sciencia com que floreceo na doutrina de Plataõ, se atreveo temerariamente ingrato a contrariallo em publico? Quem não admira a de Alexandre Magno, que bebendo nos

peitos

peitos de Helenise o primeiro alimen-
to, com que começou a vida, desco-
nhecidamente ingrato a tirou a seu fi-
lho Clito? Quem não admira a do
Imperador Antonino Caracala, que
devendo além dos muitos benefícios,
a criação a Cillon, se animou a man-
dar cortar-lhe a cabeça? Quem não a
dos filhos de Ludovico Pio, filho de
Carlos Magno, que desobediente-
mente ingratos, puzeraõ seu pay em
piizaõ? Quem não se espanta da de
Sancho IV. Rey de Hespanha, recu-
sando entregar o Reyno a seu pay D.
Affonso, que voltava de Alemanha?
E a de Frixo, Principe de Ferrara,
que obrigou a seu pay a morrer em
hum carcere? Quem não se admira
de ver morrer Cicero às mãos de Po-
pilio, a quem havia livrado de hum
crime capital? Quem não se affombra
ver Oredo, Rey dos Parthos, mor-
to por seu filho Phraates? E quem
Lucio Hostilio, entregando ao supli-
cio a seu pay Amúlio, proscripto
pelo Senado, por se ficar com seus
bens? Quem não se admira, que Mi-
cael Traullo mataffe ao Imperador
Leão, que o havia promovido a mui-
tas dignidades? Quem não se affom-
bra de que os Senadores Romanos
obrigassem a ir a juizo a Scipião Afri-
cano, que tinha trazido a obedien-
cia de Roma a famosa Carthago, sua
mayor competidora, com o pretext-
to de que não levava ao Erário todo
o dinheiro, que recolhera em Africa?
Quem não admira ler, que Mario fi-
xasse publicos premios aos que entre-
gassem Cornelio Scyla, que fóra de
toda a esperança o livrou em sua ca-
sa do Tribuno Sulpicio? Quem não
se admira vendo, que Saul fez todo
o possível por tirar a vida a David,
sabendo o muito que tinha obrado por
lhe salvar a sua? Quem não se admi-
ra ler, que Aleixo privou do Impe-
rio a seu irmão Itacio, depois deste
o haver resgatado do poder do Tur-
co, com liberal dispendio de confi-

deravel dinheiro? Quem finalmente
se não admira ver hum Belisario com
os olhos fóra, pedindo huma esmola
para sustentar a vida, depois de ha-
ver vencido no Oriente aos Persas,
em Italia os Godos, em Africa os
Vândalos? E hum Duarte Pacheco
morrer em hum Hospital tão pobre,
que nem huma mortalha tinha, depois
de triumphar na Asia de todo o poder
do Imperador Camori, com victo-
rias tão estupendas, que pareciaõ
incriveis? Todos se admiraõ, todos
se pasmaõ, todos se affombraõ; mas
oh lastima, que não nos afrontamos
de que approvamos com obras, o que
abominamos com palavras! O mais le-
ve aggravo tem sempre na nossa lem-
brança a mayor memoria; o mayor
beneficio tem sempre na nossa me-
moria o mayor esquecimento: paga-
mos hum aggravo, de que nos devia-
mos esquecer, com huma lembrança,
de que nos deviamos escusar, e hum
beneficio, de que nos deviamos lem-
brar, com hum esquecimento, de
que deviamos fugir; durando em nós
mais a memoria das injurias, como
diz Seneca, que a lembrança dos be-
neficios: *Altius injurie, quam meri-
ta descendunt.*

Ha algumas hervas agrestes amara-
gas, que passadas às hortas, e culti-
vadas com o animo do hortelaõ, per-
dem sua aspereza, e se tornaõ suaves,
e saborosas; outras pelo contrario,
quanto mais regadas, e cultivadas com
mayor cuidado, tanto mais asperas,
e agrestes se experimentaõ; assim ha
coraçoes, que recebendo beneficios,
perece sua dureza, e com as boas
obras se abrandaõ; a estes não ha dei-
xallos de todo, porq todavia poderãõ
ser de proveito; porém gente de má
digestaõ, que com o favor se azedaõ,
e com o regalo tiraõ couces, e com
o bem se fazem mãos, e com o bene-
ficio se fazem ingratos, que má casta
de hervas! Ardaõ, pois não são de
outro proveito. Nunca deu a ingratos

Alexandre, com ser liberalissimo de natureza, nem Cesar lhes perdoou, com se prezar em extremo de clemente.

A estes tais não só se lhe não devem continuar os beneficios, mas he licito dar-lhe com elles em rosto, fazendo-se-lhe lembrados, para que se lhes mostre a gravidade da culpa, e o justo castigo, que por ella merecem. Não costuma Deos lembrar os beneficios, que faz aos homens, mas lêmos, que vendo a ingratitude de David, lhos mandou pôr em rosto pelo Propheta Natao, no 2. *liv. dos Reys cap. 17.* e o mesmo fez pelo Propheta Ezechiel à ingrata Synagoga, como se lê *no cap. 16. n. 10.* mas como os ingratos no juizo de Seneca são homens sem vergonha, nunca se lhe faz a face vermelha, por mais que se lhe ponha na cara; e não he muito, porque deixa de ser homem o que he ingrato. Na sahida dos filhos de Israel do Egypto, matou Deos os primogenitos dos Egypcios, consta do *cap. 13. do Exod. n. 8. e do cap. 22. do Levit.* e livrou aos dos Israelitas; e para lembrança desta mercê, que lhe fizera, mandou, que aos quarenta dias dos primogenitos lhos levasssem ao Templo, e os presentasssem a Deos, e lhe dessem por cada hum delles huma offerta, para com isto se mostrarem gratos a tamanho beneficio, e a memoria delle se não fosse gastando com o esquecimento.

Não merecem os ingratos nenhuma lembrança. Tratando Moyses *no cap. 1. do Genes. n. 1.* da fabrica deste mundo, se lembrou do elemento infimo da terra, dizendo que no principio creou Deos o Céu, e a terra, e se esqueceo do fogo, sendo supremo, e nobilissimo; em que reparando *Rupert. no liv. 1. dos Genesis cap. 8.* dá a razão, e diz, que o fogo he hyeroglifico do ingrato, porque assim como o ingrato deve muitos beneficios, sem tornar por elles nem ainda o mais pe-

queno agradecimento, assim o fogo recebe tudo quanto lhe daõ, sendo infecundo, sem gerar em si, nem de si nada; e sendo o fogo similhaça do ingrato, não merece lembrança, ha de ficar sepultado no esquecimento, ainda que seja elemento mais supremo, e nobilissimo, e hade-se fazer memoria da terra, symbolo do agradecido, ainda que seja elemento infimo, e humilde, que essa he a força do agradecimento, e da ingratitude, que esta faz desconhecidos, e humildes os nobres, e aquelle torna os humildes em nobres, e conhecidos; merecendo estes por agradecidos, o que aquelles desmerecerão por ingratos.

Supposto que aquelle famoso Rey de Sicilia, e Aragoã D. Affonso, sendo reprehendido de carregar com beneficios ao ingrato Alvaro, respondeo, que esta casta de gente se não comprava se não à custa de grandes beneficios, com tudo o mayor meyo, que nos parece que ha para reduzir, ingratos, he o deixar de continuallos, porque, assim como os olhos não vêm as cousas, que junto a elles se lhes oppoem, como ensina a Philosophia, mas he necessario, que entre os olhos, e as cousas haja proporcionadas distancias, assim os ingratos não sentem a falta dos passados beneficios se não depois que vêm a distancia, que vay de ser agradecido a ser ingrato; e quanto mayor for a carga de beneficios, tanto mayor será tambem a carga da ingratitude, porque costumão os ingratos pagar grandes beneficios com grandes ingratitudeens, como afirma *Parmon de rebus gestis Alphonfi*, e o vemos cada dia, e o experimentamos. Federico Cesar, de quem conta *Enéas Sylvio nos Commentarios aos feitos de Affonso Rey de Aragoã*, que costumava dizer, que em poucos, dos muitos que levantara, achara agradecimento; e que de ordinario fazia com beneficios de leaes, traydores. Não

Naõ negamos, que he acção digna de hum animo Real, pagar com beneficios aggravos, soffrendo a sua ingratidaõ, como diz Seneca, até que ao pezo dos beneficios se rendaõ: *Bonum est tandiũ ferre ingratum, donec feceris gratum*: e assim o costumava dizer Alexandre, como refere Pontano cap. 30. da liberalidade e o fazia Antisthenes, como escreve Laercio lib. 6. cap. 1. mas se deve entender dos ingratos, que à força de beneficios se podem fazer agradecidos, e naõ aquelles, em quem cresce o pezo da ingratidaõ com os beneficios accumulados, servindo-lhe de grave escandalo os mesmos beneficios; porque a estes tais taõ fóra está de ser acção generosa, que antes he culpa grave fazer-lhe beneficios

Repara Seneca no liv. 3. dos Beneficios, que razaõ haveria, para que dando Mercurio leys aos Egypcios, Solón aos Athenienses, Licurgo aos Lacedemonios, Numa Pompilio aos Romanos, nenhum destes Legisladores estabelecesse pena aos ingratos, sendo o vicio da ingratidaõ taõ ordinario, que o mesmo Seneca lib. 5. cap. 15. afirma, que todos os homens são ingratos, porque todos são ou tolos, ou máos, de que tira a consequencia: logo todos são ingratos; e o mesmo que fez o reparo, soltou a duvida, dizendo, que se naõ punha castigo para os tais, por ser grave, e difficullosa cousa medir, e pezar a grandeza de tamanho vicio, e que a Deos deixavaõ sómente a pena; porque só elle sabe a que merecem. Philippe Rey de Macedonia a hum hospede ingrato o castigo que lhe deu, foi mandar-lhe pôr hum letreiro, ou rotulo nas costas, que dizia: *Este he ingrato*. Naõ achou sambenito mais infame, nem afronta mais ignominiosa, nem opprobrio mais para sentir-se do que este: e por isso disse Publio Mimo, que se naõ podiaõ dizer de hum homem mayores afrontas,

que chamar-lhe ingrato: *Cuncta malediceris, cum ingratum hominem dixeris*. Os antigos, querendo mostrar o ingrato, pintavaõ hum homem com huma cóbra no seyo, com huma letra, que dizia: *Servir a gente ingrata naõ he licito*; e a razaõ era, que achando hum homem huma cóbra morta de frio no campo, a meteo no seyo, e depois que aqueceo, deu-lhe o agradecimento com mordello.

De tudo quanto havemos dito vimos a concluir, quam grande, quam execravel seja o vicio da ingratidaõ, quam abominavel, e quanto se deva fugir: por este vicio se perdem os bens espirituales, e temporaes, por elles nos fazemos inimigos de Deos, e dos homens aborrecidos, porque se Aristoteles disse, que os benefeitores amavaõ muito aquelles, a quem faziaõ beneficios: *Benefactores plus amant beneficio affectos*; se deve entender dos que procedem agradecidos, naõ dos que correspondem ingratos. Em huma carta escreve Seneca, que os vicios se devem fugir por amor de Deos, ou da virtude; porém que a ingratidaõ a devemos fugir por amor de nós mesmos, porque o homem agradecido penhora de novo, e obriga a fazerem-lhe novos beneficios, e o ingrato com a indignação desbarata huma boa vontade: *Malignos fieri ingrati docent*; e por isso diz o mesmo, que naõ ha vicio mais péssimo, que a ingratidaõ, e que a terra naõ produz cousa péor, que hum homem ingrato: *Ingrato homine nil peius terra creat*.

L I Ç A M XXII.

Da Concordia.

O Ultimo acto da amizade he a concordia, que define Santo Thomaz 2. 2. quest. 28. art. 1. huma uniaõ dos appetites de diversos appetentes; he huma virtude, que faz crescer as cousas pequenas,

e sustenta as grandes, com a qual tudo floresce, sem a qual tudo acaba; he huma virtude, que faz que as cousas subsistaõ, com a qual tudo he eterno, sem a qual nada persiste: he hum muro, que faz invenciveis todos os Reynos com o qual todos se conservaõ, sem o qual todos se destroem; he huma felicidade, que faz suave o pezado jugo do matrimonio, com a qual vivem com summo gosto os casados; sem a qual vivem sem descanso; he huma atadura, que prende docemente o affecto dos amigos, com a qual saõ reciprocamente duraveis as amizades, sem a qual brevemente fenecem; he huma uniaõ, que faz que as Republicas se augmentem com a qual todas se conservaõ, sem a qual todas se arruinaõ, porque as Republicas concordes, como diz Tito Livio, nem temem Rey, que as fogueite, nem tyranno, que as opprima: *Cives concordes nec regem, nec tyrannum timent;* he a verdadeira fortaleza que arma os soldados, com a qual ficaõ invenciveis, sem a qual se tornaõ fracos; he a verdadeira justiça, que a faz ser igual para todos, com a qual se conserva a igualdade, sem a qual

Unio Divina est, divisio demoni nata;

Unus enim est Deus, daemones innumeri.

Ha pois quem não ame huma Divina similhaça? Ha quem não aborreça huma horrivel effigie? Ha quem não abraça huma virtude, que ao amor

Ira odium generat, concordia nutrit amorem.

Bem conheceo a necessidade, que tinhaõ os homens desta virtude, aquelle Gentio Sciluro Scitha, que quando estava chegado já ao fim da vida, mandou chamar perante si a oito filhos, que tinha, e dar a cada hum, hum mólho de varas, para que diante delle as quebrassem juntas; e recusando cada qual esta empreza, por lhe pa-

se torna injustiça; he a verdadeira prudencia, com a qual se alcançaõ todas as felicidades, sem a qual se padecem todos os infortunios; he a verdadeira temperança, com a qual se dirigem, e temperaõ pela regra da razãõ todas as accoens humanas, e sem a qual todas se disbarataõ; he o meyo mais facil de adquirir riquezas, com a qual se fazem todos os homens ricos, sem a qual todos se fazem pobres, como refere *Salustio*: *Concordiã res parvæ crescunt, discordiã maxima dilabuntur;* he o medicamento unico, com o qual se conserva a vida, e sem o qual logo perece; he hum vinculo, com o qual o mundo todo dura, e sem o qual não pôde permanecer; he finalmente huma virtude, com a qual se segura huma vida eterna, sem a qual se abbrevia huma mortẽ sem termo: tem a virtude da concordia em Deos o principio; traz o vicio da discordia do demonio a origem; esta confunde os homens com os demonios, aquella com o mesmo Deos os assemelha, como referio Wem com elegancia:

Quem não fuja hum vicio, que ao odio alimenta? como ensina Cattaõ nos seus dictames:

recer impossivel quebrar tantas varas juntas, tomou-as elle, e foi-as quebrando huma, e huma até quebrar todas, admoestando-os assim com estas palavras: *Filhos, se houver entre vds amor, paz, e uniaõ, sereis perpetuamente valorosos, e invenciveis; mas se com dissensoens, inimidades, e discordias vos tratardes, fal-*

tar-vos-há o valor, e fereis vencidos com muito pouca força. E aquelle Gentio Mulaneo, que como refere Estobéo *Serm. 78.* dizia, que nenhuma vida sem concordia eraõ honestas, nenhuma sociedade util; e que esta virtude não podia dar-se entre mãos, assim como não podia haver uniaõ de huma taboa direita com huma torta, ou de dous páos tortos en-

tre si. E o Gentio Agelifao, que sendo perguntado, como conta Plutarcho *in Adelp. aphoris.* qual seria a razão porque não eraõ muradas as Cidades de Esparta, mostrou os Espartanos armados, e unidos, e disse: *Estes são os invenciveis muros de Esparta, que não necessita de outros muros, tendo os defensores concordes, eos animos unidos,* como cantou o Cisne Inglez:

Quàm felix, & quanta foret Respublica, cives

Si cunctos unus conciliaret amor!

O grande Imperador Alexandre Severo, estando nos fins da vida por força de huma gravissima doença, mandou vir perante si seus filhos Marco Antonio, e Gheta, dos quaes sendo perguntado o que queria, como refere Xipil na vida de Severo, lhe respondeo, que fossem entre si muito concordes, e enriquecessem os soldadinhos, tendo-os sempre muito unidos, para assim poderem triumphar de seus contrarios: e o mesmo conta Salustio de outro Rey, que ao tempo que a Parca lhe cortava os fios do vital alento, fizera a mesma admoestação a seus filhos: E o Gentio Demetrio, que vindo da caça, se foi a seu pay cingido como estava das telas, e lhe deu huns beijos, e disse aos Embaixadores del Rey Antigonos, aos quaes seu pay estava ouvindo, que referissem ao seu Rey o amor, e piedade que haviaõ visto: e finalmente ao Imperador Gentio Joviniano, que sendo instado para que desse resposta aos Embaixadores de Macedonia, que procuravaõ sobre a paz, lhes respondeo: *Sempre abominei todo o genero de contenda, e somente amo a concordia, ha-se mais firme de meu Imperio.*

Escreve Plinio, e Aristóteles *lib. de Naturalib.* que ha huma pedra chamada Thirreno, que deitando-a inteira na agua, anda em cima como qualquer páo, e que partida, se vai logo ao fundo, como o mais pezado

chumbo; e nesta pedra se significa a concordia, e a discordia; na inteira a concordia, e a discordia na partida: em quanto houver concordia entre os homens, andarão por cima dos trabalhos, significados na agua, porque he tão poderosa a concordia, que mete debaixo dos pés dos homens os trabalhos para os pizarem; mas todas as vezes que ha discordia, se perderão de contado, porque tão má he a discordia, que não contente com meter os homens no meyo dos trabalhos, os sepulta lá no fundo, para que não haja nenhũ genero de trabalhos, que não pize, e repize aos pobres homens; castigo bem merecido de quem despreza huma virtude, por abraçar hum vicio, julgado por sentença de Tacito *no lib. 4. dos Annais* pelo mayor de todos os males. O veneno mais refinado das Republicas lhe chama Livio *Decada 1. lib. 3.*

A discordia nenhuma outra coula he, mais que huma disgregação da vontade, pela qual a vontade de hum se leva para huma cousa, e a de outro para outra; ou huma diversidade de vontade de alguns, a quem tinha unidos o vinculo do amor; esta he aquella capital inimiga do genero humano: esta he aquella, que tudo turba, tudo disbarata, tudo destroe: esta he a que destruhio, e tornou a cinzas os tão temidos, ricos, e poderolos Imperios dos Assirios, dos Chaldeos,

dos

dos Persas, e dos Romanos, que com a concordia começaraõ, creceraõ, e se conservaraõ até que entrou a discordia, que os reduzio a estado; que ha já muitos seculos que se não conhecem mais que pela memoria do que nos deixaraõ os antigos escripto, que hoje lido, parece cousa sonhada. Esta he aquella, que poz por terra a gloriosa Numancia, terror de Roma, a qual com a concordia começou, creceu, e se conservou até que nella entrou este vicio, que a consumio de maneira, que a penas nos deixou o tempo lembrança do lugar em que foi, como conheceo Thiresio, que sendo perguntado por Scipião Africano, como escreve *Diacon. lib. 7.* qual fora a causa porque sendo invencivel, chegara a ser destruida, respondeo, que em quanto houve concordia nos Numantinos, fora invencivel, mas que tanto que entrou nelles a discordia, fora arruinada; e daqui veyo a dizer Aristóteles, que a discordia era o mais perigoso vicio em as Respublicas, assim como a concordia era a virtude mais propria para conservação dos Imperios: *Nil periculosius civitati, quam divisio; sicut nil melius, quam unio: Alciato emblema 125.* A discordia, que houve

*In mundo nihil usque potest consistere; mundus
Non semper stabit: cur? quia dividitur.*

Nasce a discordia, conforme *Aristoteles lib. 5. Politicorum*, de duas fontes, a saber dos menores de se querem fazer iguaes, e dos iguaes de se querem fazer mayores; mas se destas duas fontes nasce a discordia, dellas mesmas deve sahir a concordia, porque, que prudente homem querará contender com mayores, nem com iguaes, quãdo a contenda com mayores he temerosa, com os iguaes envolve duvidas, e com os inferiores he vil, como prova Casiodoro sobre os Psalms? E não havendo conten-

entre os Principes Christaõs, levantou o Imperio do Turco ao estado em que hoje o vemos, e admiramos, em que continuará até que a concordia entre os Principes Christaõs, ou a discordia entre elles, o anniquile desorte, que não fique mais que a total lembrança de sua ultima, e universal ruina, que esperamos seja muito em breve, porque já o vemos declinando, e com muy conhecidos minguentes a sua Lua, que por ter sido cheya, necessariamente está no quarto minguento. Esta he aquella finalmente, que tem posto por terra tantos Reynos, tantas Respublicas, quantas nasceraõ, creceraõ, e se conservaraõ no mundo com a concordia, e ainda hoje floreceraõ, se nellas não entrara este cruel monstro, affolador de tudo, porque nenhuma nação, como escreve *Vegecio lib. 3. cap. 10.* posto que seja a mais pequena, póde ser destruida dos contrarios, se ella mesma com a propria discordia se não consumir a si mesma; pois a discordia, como diz Wem, he aquella violencia, que derruba a muralha mais invencivel, e vence o castello mais inexpugnavel; e por isso no mundo persistem as cousas pouco, porque nelle dura a discordia muito:

da, cessa a discordia, e entra a concordia, sem a qual não póde haver conservação, porque tudo o que subsiste, em tanto dura, em quanto he hum; e igualmente acaba, e perece quando deixa de o ser, como ensina *Boecio lib. 4. de Philosoph. Consolat.*

Tudo o que havemos dito da concordia, se ha de entender da virtuosa, e honesta; porque a concordia, que se dirige, e termina a máo fim, construida entre os máos, está tão longe de ser virtude, que passa a vicio nocivo, e pernicioso. A concordia

dia dos mãos he inimiga dos bons, por isso diz *Santo Isidoro lib. 3. de Summo bono*, que com a mesma ancia q se deve desejar, que os bons conciliem entre si huma muy perfeita concordia, se ha de appetecer, que entre os mãos reine huma continua discordia, porque serve a uniaõ dos mãos de impedimento à concordia dos bons; e *Agostinho Ep. cap. 57.* que nunca se devem amar as dissensões, mas que algumas vezes são filhas da charidade, ou prova della; e *S. Gregorio no liv. 3. de Moral*, que da mesma sorte que he nociva a falta de concordia nos bons, he perniciososa a uniaõ dos mãos, porque os corrobora, e os faz tanto mais incorrigiveis, quanto são mais conformes.

Com summa diligencia devem os Principes evitar todo o genero de discordia entre os seus vassallos, e com igual cuidado devem procurar tellos unidos, e conformes, porque assim como o Reyno entre si dividido, se perde, como escreve *S. Mattheus no capitul. 12. e S. Lucas no capitul. 13.* assim o Reyno entre si unido, he perpetuo, e principalmente entre os Ministros, ou Militares, porque na guerra não póde acontecer cousa mais perniciososa, e damnosa, como a desuniaõ entre os primeiros Ministros da guerra, segundo *Polibio lib. 3.* e *Erasmo* refere, que he a favor dos contrarios a discordia entre os resistentes: *Discordia, & seditio omnia opportuna faciunt insipientibus.* Mais batalhas, e mais Reynos tem perdido, e conquistado a discordia, e desuniaõ dos primeiros Cabos Militares, do que vencido, e destruido o valor dos contrarios. Dizia o Imperador Juliano, que a discordia na guerra era o mayor exercito para conquistar Reynos. Na paz não póde haver cousa, que mais embarace, e perturbe a felicidade, e bem publico, que a falta da concordia entre os Ministros Politicos. A uniformidade en-

tre os Juizes he muy importante; porque se estiverem cheyos de discordias, e dissensões os Ministros, em quem se busca a paz, por meyo da justiça, valerá ter mayor parte, que razão; inconveniente, que se póde evitar, sendo os Ministros igualmente doutos, porque desta differença resultaõ as contendas, porque os sábios desprezaõ aos que o não são, e estes invejaõ, e a igualdade, que não podem conseguir com o entendimento, supprem com a má vontade, como escreve *Seneca*, embarçando com vozes o que não podem provar com a razão, como diz *Quintiliano: Neceffe est, contentiosè loquaris, quid probare non possis*: de que se segue pouca authoridade em os tribunais, e pouca resolução em as materias, porq em reduzindo-se a disputa, não ha nenhum a quem pareçaõ mal seus erros, como ensina *Plataõ*, e em grandes porfias diz *Aristóteles* se perde a verdade: *Nimum altercando, veritas ammittitur.*

Competencias de Ministros he peste muy perniciososa para o Principe, para o Reyno, e mayor para elles mesmos. Quantas vans competencias ha, com que está o mundo turbado, causadas de Ministros supremos, mas encontrados? Que de serviços insignes se perdem nestes mares, quando mereciaõ relevantes premios? Que de cegueiras, e erros estas competencias causaõ? Que honras poem em duvidas, e quantas parcialidades com movimentos damnosos? Com acclamaçoens vans poem terror aos bons, ouladia aos mãos, e duvida aos neutrais com não parar a porfia até fazer proprias as causas em as injurias alheas, porque vingança de inveja a todas as partes alcança, ao domestico, ao estranho, a si proprio, e à sua casa; e estes tais ou se haõ de reduzir a concordia, ou se haõ de desterrar das Respublicas; e se necessario for, do mundo, e como membros podres se haõ

haõ de apartar da Republica para a naõ inficionar. He a suprema Curia, conforme a Cassiodoro, o ornamento de todos os mais governos: *Curia suprema est ornamentum ordinum Cæterorum*; e qual será aquelle, que se compoem do mal tecido pano de tais Ministros? Veja o papel politico de Solorfano sobre *el julgar, discursar*, aonde se trata da concordia entre os Ministros.

De todo o referido se tira com evidencia, que naõ pôde haver amizade sem haver concordia, porque sem ella tudo se disbarata. Como poderãõ unir-se dous coraçõens, sem que a concordia os ate, naõ sendo esta mais que a uniaõ de dous coraçõens? O coração humano (como já dissemos) he o principe dos membros, principio dos movimentos vitais, orgão das paixõens, e palacio do amor. De duas cytharas bem temperadas, e juntas, quando se toca huma, corresponde a outra; o que saõ em as cytharas as cordas, saõ em os amantes

Sensus quinque sui, & ratio sua quemque gubernat:

Velle suum cuique est, & sua cuique fides:

Velle suum cuique est, & fratrum hinc discordia, ut inter

Fratres conveniat, nil, nisi velle, deest.

Mille hominum species, & rerum discolor usus,

Velle suum cuique est, nec voto vivitur uno.

Tambem daqui procede aquelle summo gosto de conservar, e viver juntamente, de ver-se os amigos dentro dos olhos, janellas do coração, e feito hum theatro do outro, se estaõ vendo suas formosas açcoens: e aquella dor ao despedir-se taõ custosa, quando hum coração se aparta do outro: aquella remota conversação por meyo de cartas, communicandõ-se inclusos em hum papel seus pensamentos: aquella desesperada afflicção na morte do amigo, que impellio talvez ao vivo lançar-se na fogueira do defunto, elegendo antes morrer com elle, que viver só; e como páo de

os coraçõens; e daqui nasce, que se dous amigos verdadeiros se tornaõ a ver depois de larga ausencia, ao encontro dos olhos, hum, e outro coração palpitando, se movem hum para o outro, e por interpretes de seus mutuos affectos enviaõ as interrompidas vozes à lingua, os ardentes espiritos ao semblante, o suave rizo à boca, e estreitando-se com amorosos abraços peito com peito, coração com coração, se unem quanto podem. Communicando-se pois em os verdadeiros amigos hum coração com outro, reciprocamente se partipaõ os pensamentos, e vontades; e sendo estas taõ diverfias, quam diversos saõ os sujeitos, como com evidencia se mostra na verdadeira Philosophia, e o intinua Wem nos seus Epigrammas, pela uniaõ, e concordia se ligaõ pelo amor, e affecto se prendem de forte, que sendo entre si realmente distintas, pareçaõ nos effectos realmente identicas:

Amianto, augmentarem em a chamma o puro candor de sua fé; mas que maravilha? Pois vivendo nelles hum só querer, hum só coração, estava em dous corpos huma alma só. Enganada a máy de Dario do rico trage de Ephestião, o recebeo crendo, que era Alexandre; e desculpando seu erro, disse Alexandre: *Naõ erraste, ó Rainha, porque Ephestiam he outro eu.* Milagroso amor! Encantado poderosissimo, que com estranha, bem que verdadeira metamorphosis, transforma hum homem em outro; de dous faz hum. Naõ mentiraõ pois à vista dos tyrannos aquelles

les dous pares de amigos Pilades, e Orestes, Bruto, e Lucilio, dos quais por morrer hum em lugar do outro, cada hum affirmava ser o outro: diziaõ verdade em a mentira: vivia Orestes em Pilades, e Pilades em Orestes; vivia Bruto em Lucilio, e Lucilio em Bruto: os tyrannos matando a hum, matavaõ a outro, e matando dous, matavaõ hum só; ou para melhor dizer, a nenhum, porque a fama daquelle milagroso amor os fazia immortais.

Da concordia se derivaõ aquellas tres famosas leys da amisade, primeira, saber viver junto com os amigos presentes, unindo de tal modo os pareceres, e vontades, que por visinhas que estejaõ as pessoas, naõ estejaõ menos os animos: a segunda, saber viver com os amigos ausentes de sorte, que ainda que estejaõ apartadas as pessoas, estejaõ visinhos os animos, porque estes se naõ apartaõ com a distancia do lugar, como diz Aristóteles, ainda que falte o actual exercicio da amisade: *Distantia loci non separat amicitiam, sed operationem*, antes he ley inviolavel da verdadeira amisade, que se ame tanto ao amigo ausente, como presente; e assim como o Iris se vê melhor de longe, que de perto, assim a verdadeira amisade se conhece mais em a ausencia, que em a presença, porque em os objectos delectaveis mais se sente a dor da privação, que a mesma posse. He amado com os olhos, e naõ com o coração aquelle, que estando longe dos olhos, está longe do coração. A alma vive donde ama, e ama donde pensa, e até donde chega o pensamento, chega o amor; e naõ ha monte, nem mar, nem zõna tórrida, q suspenda o curso ou abraze as azas ao pensamento. Ainda que se feche o amigo dentro de impenetraveis muros, e com salva

de lança lhe impidaõ o passo à vista, e o movimento à voz. Hirtio, e Bruto manteraõ pelo ar a sua correspondencia sobre as azas de huma pomba; que mais remota ausencia, que a da morte! Pois ainda da outra banda do Lethes se deve continuar a correspondencia da amisade. A terceira, que quem ama ao amigo vivo, o ame morto, como fez Alexandre, que morrendo-lhe seu amigo Ephestiaõ mandou por dõ derrubar as améas da Cidade, para que parecesse que até as cousas inventiveis sentiaõ a morte de seu amigo, como escreve Plutarcho. Se a alma do defunto ama todavia ao que está vivo, fora grande injustiça do amor, que o morto amasse ao vivo, e o vivo naõ amasse ao morto, e que hum acabasse de amar, quando outro acabasse de viver: deve o vivo revocar a vida ao amigo com a continúa memoria de suas virtudes, e de suas boas obras, podendo estar certo de que se o amigo foi virtuoso, estará em estado de gosto, e de poderem aproveitar-lhe. Cruel piedade foi aquella dos Egypcios, que encerrando-se na abobada do defunto amigo abraçados com elle, se corrompiaõ, por naõ sobreviver hum a outro. Isto naõ era amar ao amigo como a si mesmo, se naõ aborrecer a si, e ao amigo: em quanto o morto matava ao vivo, o vivo tirava ao morto aquella segunda vida, fazendo-o morrer duas vezes. Melhor he morrer meyo, que morrer todo; meyo vive o defunto, que vive ainda em algum amigo vivo; todo morre, quem naõ deixa em a vida algum amigo. Concluimos, que a concordia he o unico caminho para ser feliz, e que a discordia he o total meyo para ser desgraçado: nada faltará aos q virtuosamente viverem concordes; tudo se acabará aos que forem desunidos.

L I Ç A M XXIII.

Do Segredo.

LEy he tambem da amifade, derivada da concordia, que os amigõs com igual confiança huns aos outros cõmuniquehem seus segredos, e com a mesma fidelidade os guardem, porque deposita feu coraçãõ no peito do amigo, o que o he verdadeiro, e naõ pôde esconder o que nelle ha, a quem o recebe em deposito, o qual o deve guardar com summa fidelidade. Regra he de Seneca, escrevendo a Lucillo na carta terceira, que em a eleiçãõ dos amigos se ha de gastar muito tempo em deliberar, porém que depois de julgado por bom amigo, se lhe deve fiar o mais secreto do coraçãõ. Admiraõ os Polticos, como hum Divino Oraculo, aquella regra de Biantes, hum dos sete sabios de Grecia: *Ama de sorte ao amigo, como se o houveras de ter por inimigo.* Sentença foi esta, sobre que escreverãõ todos os que tomaraõ por assumpto tratar da verdadeira amifade, e suas condiçoens, entre os quais Seneca diz, que no amigo devemos considerar a mudança, que pôde fazer a inimigo: *Ita amicum habeas posse, ut fieri inimicum putes.* Bem differente postilla sobre esta materia dictou Tulio, pois afirma, que ninguem pôde ser amigo de quem se persuade, que poderá vir tempo em que o naõ seja: *Nemo illius potest esse amicus, qui putat ali-*

Virtutem primam esse puta compescere linguam,

Proximus ille Deo qui scit ratione tacere.

Muitos ha, que affirmaõ se naõ deve comunicar aos amigos mais que as felicidades, para alegrallos, porém naõ as desgraças para entristecellos, porque o dar gosto he a ffabilidade, e dar tristeza, grossaria; mas isto he reprovado, porque ha grande differen-

quando *posse fieri inimicum*: de cujo ientir foi Publio Mimo, o qual diz, que ao amigo se deve mais confiança, que ao inimigo: *Ita crede amico, ne sit inimicus solus*; e assim o dito de Seneca se deve entender em quanto do amigo naõ temos prova da experiencia, porque faltando esta, naõ se livra da centura de ignorante aquelle, que com facilidade se confia. Aquella sentença de Biantes pareceo a Scipiaõ huma grande blasfemia: e com razaõ, porque he maxima diametralmente contraria à amifade. Esta basta para tirar aos amigos a concordia, com a tacita suspeita, e a se com a reciproca desconfiança, querendo dizer em poucas palavras: *Hum amigo naõ se fie d'outro.* Se o amigo naõ he fiel, já mais foi amigo; e se se duvida de sua amifade, melhor he naõ começallo a amar, que arrepender-se de havello amado. Os segredos se devem fiar dos amigos, e de nenhuma maneira revelar aos estranhos, como ensina Salomaõ no *Cap. 25. dos Proverbios versic. 8.* e este os deve guardar com igual cuidado à confiança com que se lhe communicaraõ, porque passa de amigo a traydor o que descobre os segredos dos amigos, e naõ achará quem se fie de sua amifade, como se lê no *Cap. 27. n. 17. do Eccles.* e para evitar este perigo, he excellente regra a de Cicero, naõ fazer couza, que se naõ possa fiar ainda de hum amigo, e crer que a principal virtude he callar:

ça entre simplez affabilidade, e amifade, e assim aquella maxima entre os estranhos he affabilidade cortezãa, mas entre os amigos he grossaria injuriosa a hum, e prejudicial a outro, porque se tira ao amigo a confiança de hum aliviar com outro seus trabalhos

lhos, e a oportunidade de que se ajudem, ou ao menos se consolem, pois ainda as lagrimas de sentimento, derramadas na presença do amigo, não só são lenitivo da magoa, mas também, como diz Plinio Junior, occasião de gosto: *Est quædam dolendi voluptas in amici sinu deflere.* Chegou Hercules a Amphriso naquella doloroso ponto, em que ElRey Admêto, seu antigo companheiro, chorava a morte da formosa Alceste: Admêto fingindo chorar de alegria pela sua chegada, fez q o divertissem em hum delicioso jardim, em quanto a furto entregava a sepultura a adorada prenda, ordenando aos criados, não fizessem demonstração de tristeza. Hercules, havendo penetrado o successo, reprehendo a Admêto de haver violado sua amizade com o fingido recato do

*...Arcanum tu scrutaberis ullius unquam,
Commisissumque teges, & vino tortus, & irâ.*

Que o amigo alivie a pena, e diminua a magoa, e que participe dos trabalhos, com que vê ao outro afflito, e embaraçado, se vio já antigamente naquelles dous amigos Damao, e Pithias, discipulos do grande Pithagoras, os quaes de tal sorte se extremaram no reciproco abono, e encarecimento da amizade, que tendo prezô a hum delles o Tyranno Dionisio, o mandou matar, o qual ouvindo a sentença, e desejando ir à sua terra a compor humas cousas, se lhe offerreceo seu amigo a ficar no carcere, obrigado a padecer por elle a morte, se não voltasse até o tempo que lhe fosse dado; e supplicando ao Tyranno esta licença, se foi hum, e ficou outro prezô, aliviando desta maneira muita parte da desgraça do outro, de que se riaõ todos, julgando, que não voltaria o outro amigo, que se havia solto, o qual no fim dos dias da licença, voltou à prizaõ bem a pesar do amigo, que por lhe salvar a

verdadeiro sentimento, e redimindõ logo a defunta Rainha das mãos de Proserpina, a tornou viva ao Rey, também com ella resuscitado. Não he o coração do amigo todo seu, assim não deve ser toda sua a tristeza, ou alegria: iniquamente pois divide o indivisivel, se communica hum, e occulta outro: hum, e outro tem quem o acompanhe na felicidade, e na miseria, e este companheiro faz, que nem a felicidade o ensuberbeça, nem a miseria o opprima. Não deve porém o amigo esquadrihar o pensamento do outro, quando elle lho não communica, porque se he parto da nobreza conservar o segredo quando communicado, he acção entendida, como refere Horacio, não o inquirir quando se encobre:

vida, quera sacrificar a sua nos altares da amizade, de que tendo noticia o Tyranno, lhe perdoou; e por haverem ambos sido companheiros na desgraça da prizaõ, o foraõ também na felicidade da soltura.

He o segredo alma do negocio, e segura prevençaõ contra as mudanças do tempo, porque, como refere *Maximo Serm. 12.* admoeitava Sócrates a seus discipulos, que guardassem tres cousas na vida, prudencia no animo, vergonha no rosto, e silencio na lingua; e Pithaco, como escreve o mesmo *Maximo Serm. 20.* aconselhava, que nunca se descobrissem aquellas cousas, que se determinassem fazer, porque não fossem justamente murmuradas, quando fossem mal acontecidas. Não se deve fiar o segredo mais que do verdadeiro amigo, diz *Plutarcho in Moral.* e que assim como para experimentar-nos o vaso, lhe não lançamos dentro vinho, se não agua, assim ao amigo se deve comunicar

alguma cousa frivola, para experimentar-mos a sua fidelidade, primeiro que lhe communicemos os mayores segredos: *Deos consule, amicos cole, quod noveris, non statim dicas,*

porque no juizo do Sabio Chilon, não ha cousa mais difficultosa de guardar, do que hum segredo, sobre que he elegante o Epigrama de *Wem lib. 2. p. 107.*

*Plurima degustat stomachus, nil decoquet æger,
Sic tu scis, fateor, multa, nihilque sapis.*

A todo o genero de pessoas he conveniente, e ainda necessario, para conseguirem os fins que pertendem, o segredo; mas nos Ministros Politicos, e Militares he obrigação, cuja falta contém delicto de lesa Magestade em primeiro gráo, se da revelação resulta odio, ou inimidade entre o Principe, e seus amigos, ou damno publico, em que vão implicitas outras penas de infamia, prejuizo, e falsidade; porque se he aborrecido, e com razão, de todos o que descobre o segredo do amigo, como diz *Oforio lib. 8. da Real Instrucção*, com mayor razão o que communica o do Principe he traydor. O descobrir as acçoens secretas do Principe, ou de seu conselho, os votos, a consulta, a resolução, damna ao publico, e offende o particular, escreve *Gerzaõ no Serm. a El Rey de França, consider. 2.* porque impede a administração da justiça, que he saude da Republica, e conservação do Reyno em paz; e isto ainda em o que parece menos prejudicial, o he muito, avisando ao negociante, impedindo o castigo, revelando o voto, prevertendo a ordem, defraudando a ley, indignando ao amigo, e aprestando ao inimigo: materia bem reprehendida por *Camos 2. part. Mictol. Dialog. 2.* quanto mal entendida por alguns Ministros. Não se póde imaginar pena adequada a tão grave delicto, principalmente em os mayores; porque he turbar a pureza da justiça em seu nascimento, he turbar a agua na propria fonte, para que os arroyos corraõ sempre turvos, e por isso advertidamente a Jurisprudência

cõmetteo o castigo ao arbitrio do Principe, e com agudeza disse *Senec. l. 5. de Beneficiis*, que o segredo violado não tinha pena legal, porque pareceo à antiguidade, que bastava a obrigação da ley natural, escripta no coração humano.

Pezado he o rigor do segredo, que carrega sobre os Ministros publicos; e tanto, que differaõ os antigos Philosophos, hum, que era a cousa mais difficil de guardar, e outro pedio por mercê a *Lisimaco, Rey de Lacedemónia*, não lhe encomendasse segredo, temendo, que cometido a muitos, se póde descobrir por culpa, ou descuido de hum, carregando a suspeita sobre todos, tanto sobre o que calla, como sobre o que falla, cousa por certo, que obriga a muito temor; mas em os homens sábios, e prudentes o amor do Principe, o desejo da honra, e o temor de perdella, são fieis guardas de seu coração, e chaves de sua boca, convertendo em natureza o accidente com estes respeitos honorificos. Taõ observantes foraõ os antigos do segredo, que deixaraõ doutrina, e exemplo aos presentes. Dos *Perlas* refere *Quinto Curcio*, que guardavaõ os segredos del Rey com tal rigor, que nem em a esperança, nem em o temor acharaõ porta para abrir sua boca. Dos *Athenienses* conta *Plutarcho*, que eraõ de tanto segredo os *Areopagitas*, que deraõ occasião ao adagio: *Mais callado que Areopagita*, que val o mesmo, que Ministro. Dos Romanos escreve *Maximo*, que huma das tres cousas, que os fizeraõ senhores

nhores do mundo todo, foi o segredo, porque com elle se lograõ os frutos do governo; eo mesmo diz, que sendo prezo Pompêo por hum Rey, e constringido a que declarasse os designios dos Romanos, offerecera hum dedo ao fogo de huma lanterna, e com tal paciencia, que desesperando o Rey de saber delle os segredos por meyo de tormentos, os mandou cessar, e desejou amidade com os Romanos. De Pifaõ, Governador de Hespanha, lêmos em Tacito, que sendo morto por hum lavrador de Hespanha, mal sofrido a seus excessos, e posto em tormento para declarar os complices, dizia a vozes, que podião estar seguros seus companheiros, que não haveria tormento, que o obrigasse a descubrillos. O mesmo escreve Valerio Maximo de Coma, capitão de ladroens, o qual tambem refere, que Anaxarcho no tormento cortara com os dentes a lingua, e a lançara a Nacreõte, Tyrão de Chy-

pre, para o desenganar de que não havia revelar o segredo; o que segundo Philo, fez tambem o Philosopho Zenaõ. *Santo Ambr. lib. 7. in Lucam cap. 10.* diz que Hierichuntina foi taõ observante do segredo, que não foi possível revelallo à força de grandes tormentos; e de Atica escreve *Tertuliano in Apolog. cap. 50.* que sendo cruelmente atormentada para declarar, e revelar hum segredo, partira com os dentes a lingua: casos tanto mais estes dignos de admiração, quãto he mais raro neste sexo o segredo pela inclinação, que tem para fallar, e huma quasi impossibilidade de callar.

De nenhum, ou pouco fruto serião nos Ministros todas as mais partes, e requisitos, se carecerem do ouro, em que se engastaõ todas, que he o segredo, parte taõ estimavel em hum Ministro, que diz o Marcial Inglez, que aquelle que for dotadõ della, póde ter o governo dos Reynos:

*Tu secreta tibi Regnorum credita condis:
Estque tuæ fidei semper habenda fides.*

Do segredo pende o governo publico, e universal do Reyno; porque em todos os negocios de paz, ou de guerra, he o segredo a alma delles; he o que facilita a execução dos designios, que entendidos, terião grandes difficuldades; e he como as minas em as guerras, que fazem grande proveito em quanto estaõ occultas. Nasce tambem do segredo o amor, e respeito dos vassallos a seus Principes, porque as causas motivas das resoluções Reaes, sempre incertas, e duvidosas ao Povo, são mais veneradas delle; porque sabidas do Ministro as que ouve para julgar, ou resolver em esta, ou aquella fórma, ou motivos para castigar, ou perdoar a hum, fazer mercê, ou denegalla a outro, não faltariaõ juizos particulares, vivas razoes, e fundamentos

para condemnar, e desfazer aquelles motivos, pondo em menos preço as acções Reaes, e occasionando ao Principe o odio particular; e assim disse *Cassiodor. lib. 6. cap. 26.* que a honra do Ministro está no segredo das acções publicas, e particulares do Principe; este não as confia se não daquelles, que são por sua fidelidade a pprovados, porque ainda que seja publico tudo o que se faz, convem muitas vezes se saibaõ depois de feitas, e perfeitas as acções; pelo que diz *Cassiodoro*, que os Ministros devem imitar aos Archivos, que tem as memorias, e escripturas publicas, que ainda que sabem tudo, sómente publicaõ aquillo, em que se lhe pede instrucção.

Muitos foraõ de parecer por estas razoes, que se o Principe podesse

se por si resolver as materias, seria mais conveniente, que communicallas pelo segredo dellas, que perde sua natureza, se passa a dous, como o fazia Antigono, Rey da Asia, que perguntado por Demétrio seu filho, quando sahia à campanha, lhe respondeo: *Pensas tu ser só o que não ha de ouvir as caixas, e trombetas de marchar?* O mesmo succedeo a Metello em a guerra de Hespanha: desejando hum curioso saber o que a outro dia havia de fazer, lhe respondeo: *Se entendera, que a minha camiza sabia meus pensamentos, a queimara logo.* A mesma resposta deu D. Pedro de Aragoão ao Papa Martinho IV. perguntando-lhe a que fim fazia a Armada, com a qual se fez senhor depois de Sicilia. O mesmo succedeo ao nosso glorioso Rey D. João I. que para a jornada, que fez quando tomou Ceuta, tudo era alistar gente, prevenir armas, fabricar baixeis em o nosso Reyno; e como se ignorava a causa, supposto que a fama fabricasse a obra, temeraõ todos os Príncipes Christãos, e quasi os Infieis, parecendo-lhe a cada hum, que sobre si tinha o rayo da guerra: todos os de Hespanha pedirão, e asseguraraõ de novo pazes, Castella, Aragoão, Granada: El Rey, que em o segredo affiançava a ventura, fingio terem todas as suas prevençoens contra o Duque de Hollanda, e para mais dissimulaçõ o mandou desafiar, famosa imitaçõ de Anibal, quando em Hespanha querendo ir contra Saguto, sahio em som de guerra contra Toledo. Notado Eurípides de lhe cheirar mal a boca, respondeo agudamente, que muitas cousas deixava a podrecer dentro de si, dando a entender, que sabia bem guardar o seu segredo; mas quando ao Príncipe lhe falta tempo, ou experiencia, e pede a materia conselho, o deve tomar de poucos praticos, e experimentados no que os consulta, e sobre tudo que sejaõ de sua natural con-

diçãõ secretos, e que sempre se andem fingindo ignorantes do que sabem; porque aos negociantes, conjecturadores, e judicarios do semblante, e acçoens dos Ministros, muitas vezes descobrem em o rosto, o que calla a lingua, como escreve *Cassiodoro lib. 4. cap. 16.* A dissimulaçõ he alma do segredo, he o timaõ do governo; e não sabe reynar quem não sabe dissimular, disse Luiz Undecimo, Rey de França, que aprendeo de Tiberio Cesar, mestre desta arte.

Importa muito, que os Ministros sejaõ de seu natural callados, e não loquazes, porque fallando muito, com descuido, ou com cuidado se diz o que ao depois peza muito havello fallado: a este proposito he doutrina de *San-Tiago Epist. 1.* ainda que geral para todos, muy particular para os Ministros: *Seja, diz o Apostolo, o homem veloz em ouvir, tardo em fallar,* qualidades summamente necessarias em os Ministros, que vevem ser faceis em dar audiências, suaves nellas, e tardos em manifestar as resoluçoens até seu tempo, porque nelles será delicto retardallas, como antes virtude occultallas. Ha de se medir o tempo, diz o *Cap. 3. do Eccles.* dando sua parte ao silencio, e a sua parte a lingua.

Aquelle he bom Ministro, bom amigo, e bom conselheiro, diz *Salomão no cap. 1. dos Proverbios,* que guarda o segredo do seu Príncipe, e do seu amigo. Conta *Cursio lib. 5. in Alexand.* que lendo Alexandre huma carta de sua mãy, chegou Ephestiaõ, fiado na sua privança, a ler tambem; e ainda que continha segredos, não o recusou Alexandre; porém depois de lida, tocou a boca de Ephestiaõ com o sello do seu anel, enfiando-lhe, que elle tinha cumprido com a sua obrigaçõ em communicar-lhe seus segredos, que cumprisse com a sua em guardallos; e pelo cótrario he traydor e indigno de ter amigos, o que os revela, diz o *Cap. 27. do Eccles.* e para que

que o amigo, ou Ministro com o descuido o não deixe cahir com palavras, que o descubraõ, aconselha o *Cap. 22. do Eccles.* que sejaõ as de sua boca como pezadas em o pezo do ouro, sem que ao fiel do segredo leve o pezo de algum affecto humano, porque do excessõ em saber as resoluçoens, resulta estragarem-se os negocios publicos, e privados. Gerzaõ diz, que em seu tempo se perderaõ os negocios do Reyno de França, por publicarem os criados delRey o que em as consultas se resolvia; o mesmo damno padeceõ o nosso Portugal, por ser furdo o nosso Rey D. Henrique, e ser necessario fallar-lhe a vozes.

A grandeza do estado de Veneza, escreve Garimb, ha conservado o segredo de suas consultas, e determinaçoens. Entenderaõ os Venezianos, que seu General Caraminolla não procedia bem, e foi chamado com cor de tratar cousas de estado publico, para ser castigado; e com ser o Senado de duzentos Conselheiros, e seus amigos, e parentes muitos delles, e haver tardado sua chegada oito mezes, não se divulgou a resoluçaõ secreta, e chegado, foi prezo, e aos trinta dias lhe foi cortada a cabeça, publicando sua culpa huma mordaca em a lingua, testemunha de seu delicto; por isto fingem os Poetas, conforme *Patricio lib. 9. cap. 7.* que a pena de Tântalo no Inferno, com agua na boca sem bebel-la, e nos dentes a fruta sem podella morder, foi castigo de publicar os segredos, ensinando com esta ficçaõ, que os que os revelaõ, são dignos de penas eternas, e que são pequenas as que acabaõ com a vida. O segredo, que houve entre os quarenta Fidalgos Portuguezes, a quem se communicou huma das mais gloriosas acçoens, que tem havido no mundo, qual foi a restauraçãõ desta Corõa, usurpada pelos Reys de Castella à Serenissima Casa de Borgança, pri-

meiro se vio executado, que presumido, diligencia, que conseguiu a liberdade do cativeiro, em que esteve o Reyno por sessenta annos inteiros. Conta *Fulgosio lib. 7.* que sendo costume antigo entre os Romanos Senadores, levarem consigo seus filhos ao Senado, para que com a idade crescesse tambem nelles a intelligencia do governo, juramentados primeiro sobre o segredo, hum delles foi o menino Papiro, e desejavaõ sua mãy saber o que se passava no Senado, e não podendo conseguillo com mimos, e rogos, passou a rigores, de que por se livrar lhe disse, que se havia tratado, qual seria mais util para o augmento da Republica, se ter cada hum homem duas mulheres, ou cada mulher dous maridos, cuja resoluçaõ se remettera para o outro dia: a mãy crédula, communicou o segredo às mais senhoras, e resolutas a defender sua mayor necessidade, amanheceraõ ao outro dia à porta do Senado, informando aos Senadores, e dando-lhe memoriaes. O Senado informado, louvou a Papiro, e honrou seu segredo com a Pretextã, anticipando à sua idade a dignidade, e às mulheres respondeo com muito rizo, de que tivessem esperança de que o Senado faria o que mais conviesse. Exemplo he este, que envergonha aos Ministros em revelar segredos, achando facil entrada nelles o amor, e temor, e regalos, que não poderaõ vencer a tenra idade de hum rapaz.

Concluimos, que o segredo publico se não ha de fiar de amigos, ainda que sejaõ os mais intimos, e menos da propria mulher. A vida custou a Fabio Maximo, como conta *Tacito lib. 1.* o haver contado a Marcia sua mulher a visita, que Augusto fez a Agrispa, porque ella o disse a Livia, e Livia deu queixas a Augusto; fallar, que ao depois a obrigou a chorar sua culpa, ou a de seu marido, quando não servio de remedio. Quantas

consultas, quantos votos, e quantas cousas se sabem por liviandade, ou cobiça de mulheres? Dignamente castigaõ as leys seus delictos nas cabeças de seus maridos, donde tiveraõ principio. Concluimos em segundo lugar, que o segredo particular se ha de fiar do amigo, que for verdadeiro amigo, e que este o deve guardar com summa cautela, porque a couza mais difficulosa que ha, he callar o que se naõ deve fallar, como diz *Maximo Serm.* 20. e por isso refere o mesmo, que Aristóteles dizia, que o segredo só o podia ter quem podesse ter na lingua hũa braza de fogo; e Simónides, q̄ nun ca se arrependera de haver callado, e q̄ raras vezes deixara de lhe pezar de haver fallado; e para que de huma vez digamos tudo, o segredo ha de ser como o pinta D. Francisco de la Torre, addicionando o *Epigr.* 17. do *liv.* 2. de João de Wem, nos seguintes versos:

El silencio está sentado

Entre el furor, y entre el vino,
Para dizer, que es Divino,
Si con ambos es callado.

A quien ya más le ha pezado
Del callar? del hablar nó:
Porque nunca el que calló,
Dexó de lograr sus años,
Y siempre fintió los daños
Del hablar, quien mucho habló.

Aun quando es cerrada tabla

El secreto, es fragil muro,
Ni al ser piedra lo asseguro,
Que la piedra en eccos habla
Vivo, y eterno se entabla,
Si en sombra lo desconcierto,
Y en coraçon nunca abierto
Fiel sepulchro le apercibo;
Porque el secreto más vivo,
Es el secreto más muerto.

L I Ç A M XXIV.

Dos Amigos dos Principes.

HE muy porfiada contenda entre os Politicos, se devem os Principes ter amigos, aquem a Sagrada Escriptura no *Cap.* 22. dos *Proverbios* chama *privados*, que val o mesmo que *validos*. Negaõ huns, e affirmaõ outros. Fundaõ-se aquelles em que a amizade he hum laço forte, e todo o laço tira ao que ata a liberdade; o que naõ póde haver no Principe, que devendo governar a todos, naõ deve ser governado por alguem; mais, que conforme a *Plataõ lib.* 12. da *Amizade*, toda a amizade perfeita deve ser entre iguais, e ao Principe todos saõ inferiores; logo entre o Principe, e os vassallos naõ póde haver amizade perfeita. Ajuda tambem, que naõ póde haver amizade perfeita entre pessoas, que naõ podem reciprocamente observar as leys da amizade, que ficaõ ponderadas: os Principes as naõ podem observar com os seus inferiores: logo entre elles, e o Principe naõ póde haver amizade perfeita. Ponderaõ tambem pela mesma parte, que os amigos dos Principes procuraõ sua amizade pela utilidade, que delle esperaõ, sendo como os que ca vaõ thesouro, que ainda que esteja na zona torrida, o frequentaõ pelo que esperaõ; donde veyo a dizer Veiga, que vivem enganados os que pensaõ, que os Principes tem tantos amigos, quantos saõ os Servidores, e Ministros, que assistem em Palacio; e Solón, hum dos sete Sabios de Grecia, compara estes amigos, e Cortezaõs a certas moedas, que chamaõ Contadores, que já valem dez, já cento, já mil, já hum, já nada, tudo pelo lugar donde as poem os que as contaõ, e naõ por seu proprio metal; e assim diz, que saõ estes Cortezaõs, que pelo posto em que os poem o principe, saõ

saõ o que saõ; e sendo certo, que aonde mais se alarga a esperança do proveito, costumão mingoar os quilates, e fineza da amizade; e a amizade, que respeita a utilidade, não he amizade perfeita. Accrescentaõ, que a amizade para com huns malquistaõ os Principes para com outros, e que não devem os Principes pela amizade de poucos, perder o amor dos mais.

Dizem tambem, que a experiencia tem mostrado quam dannoza he aos Principes a amizade particular com os vassallos, como experimentou Abimelec com seu privado Zebul, que despertou o animo de Gaal, para que persuadissem aos Sichimitas, para que se rebelassem contra elle, como fizeram; e posto que os apertou, e tomou a Cidade em que se haviaõ fortificado, querendo ao depois pôr fogo às portas de huma Torre, donde se haviaõ retirado alguns, huma mulher, que estava de cima, deitou sobre elle hum pedaço de mó de moinho, com que lhe abriu a cabeça, e vendo que morria, porque se não disse que morria às mãos de huma mulher, mandou a hum criado seu, que o acabasse de matar, como consta do *liv. dos Juizes, cap. 9.* Gordiano com seu privado Philippe, de quem fiava o Imperio, e o governo d'elle, levantando-o a tanta privança, que nada fazia, se não o que elle ordenava, o qual o veyo a matar para ser Imperador, como refere Turisillo. Federico, Rey de França, com Pepino seu privado, que chegou a tanto, que se acclamou Rey, e obrigou ao mesmo, que o havia levantado, a se retirar a hum Convento, aonde viveo privadamente, como refere o mesmo *lib. 6.* Isaac, Imperador de Constantinópla, com Martilo, a quem havia levantado a tanta privança, que morto o Imperador, deu duas vezes veneno a seu filho, e por lhe sahir vaa esta diligencia, o matou com suas proprias mãos, e se levantou com o

Imperio, como testemunha *Blondo lib. 6. cap. 3.* O Summo Pontifice Leão V. com seu criado Christovão, o qual subio a tanta privança, que se delvanecco de maneira, que escreve *Ilbescas na 1. Part. da historia Pontifical lib. 4. cap. 50.* chegou a prender o Pontifice em hum escuro carcere, e ousou chamar-se Pontifice.

Corroborãõ mais, que além do damno pessoal, que resulta de amigos particulares às pessoas dos Principes, he muito consideravel o que padecem os Reynos: diga Castella o que padeceo em tempo delRey D. Affonso o Casto, com seu privado Bernardo de Carpio? Diga-o Aragaõ, em tempo delRey D. Pedro, com Bernardo de Cabreira? Diga outra vez Castella o que padeceo em tempo delRey D. Henrique o Enfermo, com seu privado Ruy Lopes de Avalos? Diga Persia o que padeceo em tempo de Assuéro, com seu privado Amaõ? Diga Roma o que padeceo em tempo do Imperador Tibério com seu valido Seyano? Diga terceira vez Castella o que padeceo em tempo delRey D. João II. com seu valido D. Alvaro de Luna? Diga o Imperio do Oriente o que padeceo em tempo do Imperador Arcadio, com seu privado Eutrópio? Diga Inglaterra o que padeceo em tempo delRey Henrique VIII. com seu amigo Volséo? Diga a mesma o que padeceo no mesmo tempo com Caramuél, valido do mesmo Rey? Diga Escandinavia em tempo delRey Bigerto o que padeceo com seu valido Turgillo? Diga quarta vez Hespanha o que padeceo em tempo delRey Philippe IV. com seu valido o Conde Duque? E digaõ-no finalmente todos os Principes referidos, e os mais, de que saõ testemunhas as Historias, que não he possivel reduzi-llos a compendio, o muito que lhe custaraõ estas amizades, que os mesmos validos diraõ, ou por elles os

Historiadores, que pagaraõ estes valimentos os mais com a vida, afrontosamente deixada nas mãos de hum verdugo, e os menos com hum infame defterro, ou perpetua prizaõ.

Confirmaõ mais, que os conselhos communs, e de muitos, saõ sempre os mais acertados, e os de hum particular saõ sempre suspeitosos, porque como quando os dá, naõ ha presente quem os examine, e ponha diante os inconvenientes, com qualquer simulaçaõ, ou do bem commum, ou do serviço do Principe, se faz crer, que o que póde ser ruina sua, e do seu Reyno, he o que mais convem para governo, e conservaçaõ de seus Estados: principalmente se naõ está muy pratico nos negocios da Monarchia, porque deste tal se deve presumir, que sabe muy bem a practica da lisonja, mas naõ a do governo, e estado Politico.

Ultimamente persuadem com o exemplo de Cleones, que havendo chegado contra seu gosto a ser Rey de Athenas, chamou seus mayores amigos, e despedio com lagrimas sua amisade, sabendo que naõ podia sentar-se em huma cadeira a amisade, e a Magestade, e que o que se veste de justiça, se despe da amisade: do Imperador Othon III. que já mais teve valido, dizendo ser incompativel ser Rey, e ter particulares amigos; e do nosso Principe perfeito El Rey D. João II. que affirmava mais com encarecimento, que com verdade, que a hum Rey era melhor ter todos os vicios, que ter valido, e que naõ merecia chamar-se Principe aquelle, que fugeitava a outro sua vontade; e chegando-se em hum acto publico hum Cavalleiro, a quem tinha affeizaõ, lhe disse: *Chegai-vos menos, que pensarão que sois privado.* Perguntando Henrique de Inglaterra a hum vassallo seu, que cousa havia visto mais admiravel em Portugal, lhe respondeu, que hum Rey, que mandando

a todos, ninguem o mandava.

Os que affirmãõ, que os Principes haõ de ter com quem descancem o pezo do governo, e de quem fiem o seu coração, dizem, que he virtude, e razaõ natural, que tem por fundamento o mesmo Deos; escolhendo fugeitos com quem professem amisade, abraçarãõ a razaõ natural, e a virtude. O amigo leal he forte muro, e segura defeza; o que o acha, descobre hum thesouro: sem amigos, os pensamentos daõ enfado, as obras trabalho, e a vida tormento. Quem naõ tem amigos, naõ tem olhos; o melhor do corpo saõ os olhos; o melhor do Principe saõ os amigos. Os thesouros de Dario eraõ joyas, os de Alexandre amigos. Duas bema-venturanças, disse Cressõ, que havia conseguido com ser Rey, fazer bem aos amigos, e vingar-se dos inimigos; em o primeiro fallou como Rey, em o segundo como vassallo. Naõ he a vingança de peitos nobres. Naõ approvou Socrates o que da vingança disse Cressõ, antes se lhe oppoz, dizendo, melhor fora fazer desses inimigos amigos. Os que tiraõ a amisade, tiraõ o Sol do mundo. Foi proverbio antigo, que o amigo era mais necessario à vida, que o fogo, e a agua; porque he o verdadeiro amigo méfinha da vida, e da immortalidade, como se lê no *Cap. 6. do Eccles.* e naõ se ha de negar aos Principes o que se concede aos particulares, dizia El Rey D. Pedro.

Finalmente dizem, que raro temfido o Principe no mundo, que naõ tivesse valido com que repartir o pezo do governo, e aliviar os pezados trabalhos, que carregãõ sobre os Principes; e que estaõ cheyas as Historias de amigos fieis, de que estaõ repetidos a traz tantos exemplos na liçaõ da Amisade, os quais naõ só ajudaraõ a levar a carga, mas muitos livraraõ a seus Principes de grandes infortunios, dos quais amigos naõ

he razão que se privem os Principes.

São tão forçofas as razoens por huma, e por outra parte, que nos não resolvemos na queftaõ, mas fõ dizemos, que se os Principes se resolverem a ter validos, devem com confelho fazer eleiçãõ, guardando as regras, que apontamos na liçãõ da eleiçãõ dos amigos, a que agora nos remettemos, por não tornar-mos a repetillo; e fõ advertimos o que Lampridio disse a Alexandre Severo, que melhor era que o Reyno se governasse por hum Rey injusto, do que o Rey ter amigos, que não fossem justos: *Melior est Respublica, & prope tutior, in quã Princeps malus est, eã, in qua sunt Principis amici mali*: e dá a razão; porque muitos bons podem inclinar ao bem a hum máo, porém muitos máos não se podem emendar com o exemplo de hum só bom: *Siquidem unus malus potest à pluribus bonis corrigi, multi autem mali non possunt ab uno, quamvis bono, una ratione superari*. Advertimos mais o que admoesta Vives em huma carta a Henrique, Rey de Inglaterra, que os amigos, de que fizerem eleiçãõ, sejaõ prudentes, porque sendo tais, seraõ de proveito para governar bem com seu confelho, com a sua authoridade, e com a sua virtude: *Magnum Regni culmen sunt amici prudentes, ac liberi, quibus, moderata potentia sustentatur, Rexque*

Asperius nihil est humili, cum surgit in altum.

Bem o vio, e experimentou Roma com Hipaõ, valido de Tiberio, que perdeu a muitos, e se perdeu a si mesmo. Em a prosperidade não he facil a moderação; e os homens feitos a desfigual fortuna, se entregaõ ao doce do imperio, esquecidos do que são, e poderãõ ser, como refere Erasmo: *Difficile est secundis in rebus non oblivisci sui*. Não se fez o regalo para nescio, nem para o servo governar o Princi-

sive prudentia verecundia, sive melius suadentis, admonetisque auctoritate, & oratione se se ad studia virtutis convertit: tum... utitur sui simili, hoc est, optimo, Regnumque quietum agit, minimè studiosum rerum novarum. Ultimamente advertimos, q̄ deve eger por amigo o mais illustre, porque supposto que a inteireza, sufficiencia, e verdade, prendas de hum bom Ministro, não estaõ unidas ao nascimento, nem se seguem à nobreza das Casas, com tudo os que devem muito ao seu sangue, olhaõ sempre estas a obrigaçoens, e não se lhe representa possível faltarem já mais a ellas. Melhor executará justiça o que nunca vio a cara à necessidade; reformará as acçoens do Povo com seu exemplo, a quem todos olhaõ como a Oraculo: estará mais longe de enganar, o que depende de todos menos: portar-se-ha melhor com os nobres, o que convem com elles em o sangue; e com os plebêos, o que não tiver que envejar em seu estado: será menos insolente em seu governo, o que nasceo para mandar, e o começou desde o berço. Não ha quem mude as cousas de seu centro, nem quem turbe mais o mundo, que o servo feito senhor, disse Salomaõ, e o entenderãõ os Poetas, encarecendo sua soberba, quando os levantaõ aos lugares altos do governo:

Asperius nihil est humili, cum surgit in altum.

pe: ha de buscar-se entre os nobres o mais nobre, a quem o Principe ha de entregar seu Imperio, como o fez Alexandre com Parmeniãõ, David com Joáb, Salomaõ com Jabáb, Cyro com Zópiro, Domiciãõ com Agriculo, Deos com Moysés, e Josué, hum General, outro Imperador.

De mais desta regra deve guardar outra; que aos vassallos se ha de entregar o cuidado do Imperio, mas não

o poder; as consultas, mas não as mercês, e arbitrio dos vassallos; assim o deu a entender Aristóteles: *Princeps nullum virum totius sui domini debet facere custodem*; porque he grande perigo para o Reyno, como experimentaraõ os Principes, que deixamos referidos; e além delles D. Henrique IV. com D. João Pacheco, D. João II. com o Duque de Anzorna, Roboão com Hurudaõ: de que fugio sempre o prudente Rey D. Philippe II. e logrou com esta cautela ter os melhores validos, que se têm de outro nenhum Principe; e não he menos nocivo aos meismos Principes o entregar o poder aos validos, como experimentou Michael, Imperador do Imperio Grego, de quem conta *Pineda 3. part. lib. 18. cap. 25.* que subio a tanta privança Basilio filho de pays humildes, que lhe entregou igualmente o cuidado do Imperio, e o poder, que o coroou Imperador, e desvanecido, lhe pagou ingrato com

lhe tirar a vida, mandando-o enterrar huma noite em segredo, envolto em huma manta de hum cavallo, cuja tyrannia, e traicão pagou nas pontas de hum veado, andando à caça.

Em todas as materias, e a todos he muy necessario aquelle conselho, que dá S. João cap. 7. aos Juizes, que não julguem pelas primeiras apparencias, e informaçoes, porque nisto ha grande engano, e nem tudo o que luz he ouro, nem todo o chrisal he diamante, mas principalmente aos Principes he máo crerem tudo o que se diz contra o seu valido ligeiramente, sem primeiro examinar a verdade com muito vagar, se não querem metter-se em labyrinthos às vezes tão escuros, que elles mesmos lhe não fahião fahida, e dar muito que murmurar a todo o mundo, que os teraõ por mal considerados, quando a tudo que se lhe propuzer, derem consenso, como disse Wem nos seus Epigrammas:

*Qui citò crediderit, falliturque, & sapè levis
Est cordis; rarò fallitur ipse senex.*

Porque de ordinario são estas queixas effeitos do odio, ou da inveja, ou da emulaçãõ, ou finalmente dos que aborrecem a justiça. Disto foi notado Alexandre, pois entre as muitas cousas gloriosas, que delle se contaõ, tambem se escrevem outras, que o tífinaõ; se não diga-o a morte, que deu a seu amigo, e privado Parmeniaõ, levado de ligeiras suspeitas? Diga-o a morte de seu antigo privado, e valido Clito, a quem não valeo a antiga entrada, que com elle tinha, por ser irmão do leite, nem havello livrado da morte em hum perigo notavel, pois com huma lança lhe passou o coração por palavras bem livianas, que disse em hum banquete? Não menos o Imperador Justiniano, que dando leys ao mundo, as recebeu de sua mulher Sophia, por cuja

causa mandou tirar os olhos ao famoso Belisario, e desterrar ao excellente Capitaõ Narses por suspeitas bem indignas de suas lealdades, havendo sido as columnas; que lhe sustentaraõ o pezo de todo o seu Imperio, no tempo que conjurados os Godos, Wandalos, e outras muitas naçoens, lhe ameaçavaõ sua ultima ruina; e o Graõ Turco Solimaõ, que movido de leves persuaçoes, por suas proprias mãos deu morte ao seu muy querido, e regalado Abraham, seu Graõ Visir. Dionysio, que tirou a vida a seu valido Márcias, só por haver sonhado, que lhe não era leal; e o Imperador de Constantinopla Basilio, que pelo dito de hum vil criado, teve ao Principe Leaõ seu filho muitos annos em huma Torre; e Henrique VIII. de Inglaterra, que mandou cortar a cabe-

ça ao conde de Sore, seu grande amigo, por huma levíssima presumpção de que aspirava à Coroa.

Os que chegarem ao valimento, devem pontualmente observar o que havemos escripto sobre a obrigação de hum verdadeiro amigo, e com isto segurarão perpetua a amizade dos Príncipes, e terão hum fortissimo fiador contra os vaivens do tempo, que os segurarão das ordinarias cahidas, que com tão lastimosos successos lêmos de quasi todos os que subirão ao valimento, que poucos são os que se não tenham despenhado; para cuja preservação he facil meyo, e seguro assistir sem divertimento, negociar sem ambição, escutar sem desprezo, resolver sem interesse, olhar ao proveito commum, não saltar as barreiras da consciencia, nem repugnar a religião, nem seguir verêda, que não guie ao beneplacito do senhor, nem fazer cousa sem primeiro lhe dar conta.

Imite a hum Moysés, tão valido, e querido de Deos, o qual podendo, como ponderou S. Jeronymo na carta que escreveo a Tito, deixar seus filhos por successores no governo, e conservar aquella dignidade na sua descendencia, o não quiz fazer, antes veyo com bom animo na eleição de Josué, que era de outro Tribu, porque entendaõ os validos, que os officios principais não se devem prover pela qualidade do filho, ou parente do Ministro, que os provê, ou consulta, se não por partes, e procedimentos pessoais.

Imitem com os irmãos a hum Joseph, grande valido de Pharaó, que podendo occupar seus irmãos nos melhores postos do Reyno, tanto o não fez, que obrou o que pode, para que o Rey os não occupasse. Era obrigação, que pois os havia mandado vir da sua terra, os presentasse a ElRey, para que não se lhe imputasse que os tinha, e os sustentava sem ordem sua, e para satisfazer a esta obrigação, en-

trou, e disse ao Rey: *Senhor, meus pay, e irmãos haõ vindõ da terra de Chanaan com tudo o q' tem; e estão em a de Gessem; e logo fez entrar aos cinco irmãos mais moços; para que em nome dos mais lhe beijassem a mão: recebeo-os ElRey com benevolencia, e perguntando-lhe em que se occupavaõ, e que officio tinhaõ, elles seguindo a ordem, que Joseph lhe havia dado, lhe responderão, que eraõ Pastores, como o haviaõ fido seus pays. Em duas cousas reparaõ os Doutores neste successo: primeira, com que razaõ, e com que intento introduziria Joseph a ElRey os irmãos mais moços, e deixaria os mayores, que eraõ os filhos de Lia; todos homens de boa presença, que sem duvida agradariaõ ao Rey para se servir delles. A este reparo responde *Oleastro no cap. 46. do Genesis*, que foi para que não agradassem a ElRey, antes lhe desagradassem, para que os não proveesse com officios. Segunda, porque mandou Joseph que os irmãos dissessem que eraõ Pastores, e filhos de Pastores, sabendo que os Egipcios aborreciaõ, e tinhaõ por gente vil aos Pastores, como se lê no dito *Cap. 46. A esta respondeo Robert. liv. 9. in Genes. cap. 18.* que foi para que não os occupasse nos officios da Republica; para que entendaõ os validos, q' não só não haõ-de antepor os seus em os provimentos aos outros benemeritos, mas quando entenderem, que o seu Principe, por fazer-lhe mercê, e dar-lhes gosto, os quer preferir, devem buscar modo, e traça, para que sem mostrar-se ingratos ao favor, se desvie a intenção, que lhe parece que tem.*

Imitem finalmente a Christo Senhor nosso, cujas acçoens devem ser o roteiro de todas as nossas, com os parentes, e amigos; pois amando com as mayores demonstraçoens a seu primo, e discipulo S. João, nem por isso o deixou por seu Vigario, e lu-

gar-tenente em a terra, mas a S. Pedro, dando aos Principes, validos, e mais Ministros hum muy importante documento, para que os provimentos sejaõ acertados, que he, que se façaõ sem respeito de parentesco, ou amizade em fugeitos, q̄ authorizem os lugares com suas cans. A hum Pio V. que tendo duas sobrinhas, aconselhou a seu pay, que as casasse com officiais, e que desse a cada huma dellas mil cruzados. Concluimos, que he duvidosa cousa, se os Principes devem ter amigos particulares, e validos, mas que tendo-os, devem ter as partes de hum verdadeiro amigo, e sobre ellas devem ser illustres; e que os que chegarem ao valimento, se não desvanecaõ com elle, e que se dispaõ de todo o humano respeito, e interesse, assistindo ao Principe sem lisonja, com os olhos no bem publico, e felicidade do Reyno.

L I Ç A M XXV.

Dos Criados.

A Quarta cousa de que se compoem huma familia, he de criados, que correspondem à plebe em hum Reyno. A morte, e servidaõ são filhas de hum parto, seu avô foi hum appetite, e seu pay huma offensa; assim nem o nome de criado, nem de amo tiveram entrada no mundo, se se houvera cerrado a porta ao peccado. A todos deu a natureza o mesmo ser, porém a muitos deu a fortuna diversos estados, diz Quintiliano: *Nullum natura, sed fortuna dedit dominium*: aquella deu a todos liberdade igual, esta deu a muitos sujeiçaõ grande. Taõ suspeito he no mundo o nome de criado, que o Seneca impugnado carrega o mesmo nome a criados, e a demonios, sem mais differença, que aquelles são demonios assallariados, e estes não tiraõ gages pelo que of-

fendem; porém como ande unido o dizer opprobrios com o ouvillos, a muitas queixas de senhores succedem muitas murmuraçoens de servos, e não he facil decidir quais tenhaõ mais justificada a sua causa; e para evitar-mos murmuraçoens de criados, e queixas de amos, daremos nesta liçaõ a hús, e outros suas regras, com as quais cessaráõ humas, e não se ouviráõ outras. Começemos pelos criados, que como mais mal criados, necessitaõ primeiro de liçoens.

Seja a primeira regra, que devem guardar os criados, ou sejaõ de hum Principe, ou de huma casa particular, ou mais nobres, ou menos, a promptidaõ em obedecer aos mandados da cabeça, e executar com tanta promptidaõ suas ordens, que se equivoque com a execuçaõ o preceito; que esta he conforme *Santo Agostinho lib. 8. confess. cap. 9.* a regra mais principal, que devem ter sempre diante dos olhos os que servem. Criados, que estimaõ o gosto de seus amos, em esta promptidaõ o mostraõ: tanto à lerta haõ de estar às suas vozes, que só se conheça que obedecem por haverem executado. Todos querem ser servidos com pontualidade: os Principes porque o são, e sabem pouco de esperar os que nasceraõ mandando: os que o não são, por contrafazer aquella impaciencia natural com os soberanos. Rara vez sahe o criado diligente sem premio; se sabe ser prestes em obedecer, tirará favores às mãos cheyas; e se he preguiçoso, e tardo, póde agradecer por premio o não sahir com ellas na cabeça.

Seja a segunda, dar sempre o primeiro lugar a seu amo. Os senhores, ainda dos iguais levaõ mal serem igualados, e sendo assim, como não abominaráõ serem aventajados de quem em os livros de seus gastos não ha paginas, que os não publiquem inferiores? E daqui nasce, que os criados prudentes à vista de seus senhores,

res, ainda que seja necessario affectar o necio, haõ de procurar parecer em tudo menos. Succederá, que leve ventagens a seu amo no entendimento, presença, e mais partes, que estimaõ os homens, e que sobrepuje às que o amo faz em as rendas ao criado, porque costuma a natureza vingar-se em a pobreza d'alma do que sem razão deu em patrimonio grandioso a fortuna. Haõ de forçar tanto em esconder suas ventagens, que naõ dem a seu senhor que envejar, e aborrecer. Naõ só haõ de alargar de si pensamentos de mayoria, ou de igualdade, se naõ haõ de passar a embarçar aos outros, a que lhos naõ comparem com seu amo. Muitos veneraraõ como Divindade ao Sol, muitos o injuriaraõ, vendo os estragos que occasiona; porém a titulo de criado nobre, se fora racional, diz Santo Agostinho, mais sentira o Sol ver-se venerado entre idólatras, que ver-se offendido; porque he este aggravo a seu ser, e aquelle a seu Senhor.

Seja a terceira, fallarem sempre bem de seus amos. Regra he esta tanto mais necessaria aos criados, quanto menos por elles observada; porque devendo ser mãos para servirem, se passaõ a ser dentes, que destracão a honra, e fama de seus senhores; mas muitas vezes he castigo proporcionado à culpa de seus amos, porque estando a boca vasia, porque se naõ pagaõ reçoens, nem se cumprem os contractos, se occupaõ os dentes em tirar bocados da honra, que deviaõ sahir dos salarios. Tivera este delicto alguma desculpa, se se contentara a fome dos criados com os bocados, que tiraõ da honra dos senhores, mas naõ se satisfazendo a fome com os furtos da honra, e naõ contentes com serem dentes, se fazem olhos, que espreitaõ os defeitos dos senhores, e em linguas que os Publicaõ; pois persuadaõ-se, que to-

dos os trabalhos em servir, os malogra este ver, este fallar mal de seus amos, que naõ só ficaõ delobrigados para favores, mas irritados para executarem castigos.

Seja a quarta, que se naõ metaõ a ser conselheiros de seus senhores, e se alguma vez buscarem seu parecer, se naõ temerem cahir na culpa de inobedientes, o escusem, porque naõ lhe succeda, se naõ fallarem a seu gosto, como o espelho de Lais, mulher delicenciosos costumes, que tendo os no tempo, em que com a mocidade lhe durou a formosura pela alfaya de mayor estimação, porque vendo-se a elle, se achava a seu gosto, quando velha, em som de que o sacrificava a Venus, o deitou de casa, porque lhe dava na cara com suas rugas: assim póde succeder aos criados, por bem aceitos que hajaõ sido seus conselhos, e huma verdade que doe, naõ dem com elles na rua; motejando de infidelidade a falta de lisonja. Taõ raro he como hum Phenix hum senhor, que gosta ver-se alcançar de razoens, quando fazem guerra a seus designios; mas se se naõ póde livrar de dar-lhos, tenha sempre nelles mais lugar a verdade, que a lisonja, porque será mais util, e honroso aos criados irem à rua por verdadeiros, que ficarem em casa por lisonjeiros, e mentirosos.

Seja a ultima, a fidelidade, prenda a mais rara, e mais necessaria em os criados. Tudo falta em os criados em que falta a fidelidade: tudo lhes sobra aonde ha esta virtude. Naõ ha prenda, que mais se deva estimar em todos, que o ser fiel, e com mayor razão nos criados, porque como nelles he taõ rara, que poucas vezes se acha, deve crescer na estimação o que taõ raras vezes se encontra. Pouco importaráõ em os criados as mais partes referidas, se com ellas naõ andar por fiel companheira esta virtude, que por si sõ val mais que todas

as outras juntas. Sejaõ fieis os criados, e logo teraõ estimaçãõ, porque he virtude esta, que sempre suppre a todas as mais partes, naõ baltando todas juntas a encher a falta desta virtude. Venturosos na verdade saõ os senhores, que acertaõ com criados fieis, porque saõ as joyas de mayor preço, e de que se deve fazer a mayor estimaçãõ; mas he ventura esta, que ainda os mais venturosos naõ chegaõ a conseguir; se naõ leaõ-se as Historias, e achar-se-ha, que por admiraçãõ, e caso raro se refere a fidelidade do criado de Marco Antonio, que se matou a si, por naõ tirar a vida a seu senhor, que instantemente lho mandava; e dos criados de Gosagiano Persa, que vendo que ElRey de Persia lhe tinha morto seu senhor, o investiraõ, e mataraõ; e do de Lago, que matou em humas festas a Abdubral Carthaginêz, em vingança de haver morto seu amo; e de Nuno Martins de Villalobos, criado do famoso Capitaõ D. Duarte de Menezes, que em certa pelêja vendo que os Mouros haviaõ morto o cavallo a seu senhor, se desceo do seu para dar lho, e fazendo-o assim, perdeu a vida, e salvou a de seu amo; e de Diogo Pires, criado de D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rey da India, o qual na aguada de Saldanha, vindo-se já retirando dos Cafres com os outros portuguezes, ouviu dizer, que seu senhor ficava cahido, e logo tornou a traz, dizendo: *Naõ queira Deos, que eu fique vivo, deixando cá o filho, e o pay*; e pondo-se sobre o cahido senhor, o mataraõ juntamente. Isto baste dos criados; passemos aos amos.

A primeira regra, que devem pontualmente guardar os senhores, para se fazerem servir bem, he obedecerem à razaõ. Naõ ha senhor, por mais soberano que seja, que naõ deva reconhecer vassallagem à razaõ; e se os senhores passarem os fóros da

razaõ, que he sua senhora, esperem de seus criados o meimo, que contra sua senhora, a razaõ, executaõ; pois a imitaçãõ se naõ for merecimento em seus criados, será ao menos escusa de seus desacertos. Se os amos forem virtuosos, o seraõ os criados. Máo indício contra hũ amo ser o criado facinoroso, porque se presume, que ou o haverá ensinado, ou aprendido d'elle, porque he doutrina de Seneca, que o que naõ evita o peccado quando póde, concorre para elle quando succede: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.*

A segunda, naõ fazerem nunca tanta confiança dos criados, que lhe dem occasiaõ a interpretarem seu gosto, e obrarem com independencia. Vulgar appellido dos criados foi antigamente o da sombra de seus amos: a sombra naõ tem movimento por si, segue ao corpo em suas acçoens: naõ tem mais ser, que o que o corpo lhe permite. Se o amo souber ter tanto à raya seus criados, será sempre seu o lusimento; porém se chegar a persuadir-se o criado, que com as azas, que lhe dá o carinho do amo, póde obrar por si, prestes trocará a ambiçãõ os effeitos, e quererá a sombra ser luz, trocando a luz em sombra, como succedeo a Sara com sua escrava Agar, como se lê *no cap. 26. do Genes.* Naõ cabem em coraçoens curtos favores grandes: rompe fora a soberba, e o senhor, que consentio hoje a seu criado, que o tratasse como igual, o desprezará à manhã como superior. Naõ he menos esta doutrina, que de S. Joaõ Chrysofomo *Homilia 38. in Genesim.*

A terccira, que para serem servidos com pontualidade, paguem com ella. Entre a multidaõ de Deoses, que céga adorou a Gentilidade, foi Jupiter o que occupou o lugar mais soberano, e era o Deos de mais veneraçãõ, e de mais sequito, mas em as arvores, que se conflagravaõ aos Deoses

ses em final de sua grandeza, parece que foi de acerto, que se consagra-sem a Jupiter a Azinheira, deixando a Oliveira a Pallas, o Loureiro a Apollo, a Palma a Diana, com que fica Jupiter vencido em os braços das mais Divindades, pois Loureiro, Palma, e a Oliveira, trophéos são de vencedores. Aulo Gellio defende o acerto dizendo, que o fruto da Azinheira foi o mais commum, e primeiro mantimento dos homens, não menos universal do que he hoje o trigo, e não se podia significar melhor, que Jupiter era o Deos de mais sequito, e que sustentava mais, do que em se lhe dedicar a Azinheira. Dar mais, he conseguir mais venerações; formoso he o Loureiro, mas inutil seu fruto: frutifera he a Oliveira, e a Palma, mas só se acha nellas reção para sustentar a poucos: em faltando os fallarios, não poderão durar os obsequios.

Senhores ha, que querem que os sirvaõ bem, porém pagaõ muito mal; querem, que os criados os sirvaõ com fidelidade, porém não querem pagar fielmente o seu sallario: querem, que estejaõ com advertencia ao seu aceno, porém não querem que estejaõ com attenção ao estipendio: querem, que os criados tenhaõ muito de seus na obediencia, não querem que tenhaõ alguma cousa sua, que a latisfaça: querem finalmente, que em todo o tempo estejaõ de acordo para executar o seu mandato, porém não querem, que em tempo algum haja hum accordão, que lhe mande pagar o seu trabalho.

He a quarta regra, que não basta a paga para serem bem servidos, se lhes azeda o sustento o desabrido do semblante, ou aspereza das palavras, ou o imperioso do mando. Costumaõ alguns affectar estas cousas, para se fazerem temer, e não advertem, que não ha transformaçãõ mais facil, que de medo em odio, de temor em abor-

recimento. Mais eficaz persuasão he o carinho; e dentro da esphera de senhor a cortezia grangêa mais duraveis venerações, e mais gratas promptidoens em os obsequios. Refere *Sidonio Apollinar. liv. 7. Epist. 4.* que aquelle tocou ditosamente o norte do saber mandar, que sem perder o direito de senhor, humanou a soberania; conselho com que *Isócrates* instruiu a *Nicócles*, para que fosse como mais amado tambem mais servido. Escrivendo *Seneca* a seu amigo, e discipulo *Luscelio*, lhe disse estas palavras, que se achão na sua *Carta 17. Cognovi te familiariter cum servis vivere*; tenho noticia, que viveis com vossos criados, tratando-os com familiaridade, e affabilidade; *Et hoc prudentiam, hoc eruditionem tuam decet*; assim convem aos dictames de vossa prudencia, madureza, sizo, discurso, e entendimento. Dizem alguns enfarinhados em soberba: Porque heide tratar bem aos meus criados, se são criados? Porém estes tais não advertem o que diz o mesmo *Seneca: Servi sunt, immò homines: servi sunt, immò contubernales: servi sunt, immò humiles amici*; são criados, mas são homens da mesma carne, e sangue, da mesma natureza, e da mesma massa, só menos favorecidos no mundo: servos são, e são domésticos; são criados, antes são amigos; e ainda que humildes, amigos grandes; e ainda que seja maxima entre os Politicos entender hum amo, que quantos são seus criados, tantos são seus inimigos: *Proverbium jactatur totidem esse hostes, quot servos*, com tudo esta maxima, accrescenta *Seneca*, não he certa, porque elles o sejaõ, mas porque tu os fazes: *Non habemus illos hostes, sed facimus*, porque tratando-os como inimigos, com palavras, com mil tyrannias, he força que se façaõ inimigos os que deviãõ ser amigos.

Enfina a Escripura Sagrada no *Cap.*

33. *do Eccles.* que se trate hum criado, e ainda hum escravo, como a hum irmão, e como a alma com brandura: *Si est tibi servus fidelis, sit tibi quasi anima tua, quasi fratrem tractu.* O senhor legitimo não necessita de estrangeiros affectos para grangear estimações. Dá a entender que tem o senhorio próprio quem se vale da arrogancia para conseguir respeito, diz Plutarcho no livro, que intitoulou *Da necessidade do ensino dos Senhores.* A jaçtancia, que he tão inimiga do senhorio, se mostra humas vezes no rosto, que he graça d'alma: pregôa em publico seus affectos, achaque, que fez mal-quisto a Tiberio, como refere Juliano: outras na voz desentoadada, vicio, que conheço *Cornelio Tacito lib. 16.* em Nero: outras em a descortezia, que he theatro donde se representa em publico as faltas do nascimento, e criação, não dando-se por entendidos dos obsequios, em que foi notado Attalo, como diz Seneca.

Muito recato se deve ter no modo do semblante, e da cortezia, mas não menos necessaria advertencia he nas palavras a quem manda. De infames criados se serve quem os calla com os fallarios, se com palavras de ignominia os exaspera. Os açoutes sabem todos, que era castigo destinado aos escravos; e não falta quem diga, que a voz Latina *Verbum* se derivou de *Verbero*, que significa *açoutar* porq̃ na verdade paciencia de escravo tem, e paciencia de homem ruim, quem sente menos a palavra, que a obra. Nada ha de temer mais hum amo, que a lingua de hum criado irritada de palavras; porque tiraõ a fama seus golpes, e a perda desta tira a hum homem o bem visto, que he prenda tão estimavel, que se arrojou a dizer Polibio, que se alimentaõ os villãos de pão, e vinho, e os nobres do applauso. Tão necessario he aos nobres, como o pão, o bem parecido; pois se querem achar boas ausen-

cias nas linguas dos criados, não tenhaõ com elles a sua má presença. Despedillos, antes que injuriallos.

A quinta, que não seja o numero dos criados mais do necessario. Quem tem hum criado só, o tem todo inteiro. Quem tem dous, tem meyo; quem tem tres, não tem nenhum, porque em quanto hum se fia de que outro serve, nenhum serve; e por isso Aristoteles disse, que melhor servia hum só criado, que muitos: *Multi servi quandoque deterius serviunt, quam pauci.*

Sexta, que se firvaõ antes com criados affallariados, do que com escravos comprados, porque como a quelles servem por sua necessidade, mas não por força, amaõ a seus amos como a bemfeitores; estes como servem por força, são inimigos de portas a dentro, porque quem aborrece a servidaõ, aborrece ao senhor.

Setima, que saibaõ tudo, mas não mostrem que o sabem; porque o muy curioso acha o que não queria saber, e o muy descuidado vê o que não julgava achar. Cataõ tinha sempre os criados em discordia, para saber de huns o que faziaõ outros; mas este remedio he peor que o mal, porque entre os criados reyna a enveja, e está muy visinha a enveja à calumnia. Nada ha tão necessario ao governo como as espias, mas nada tão arriscado, e crendo que tem vista de lince, tem lingua de Urraca. O que conta ao amo os vicios dos outros, contará aos outros os vicios do amo, e nunca estaraõ desunidos o officio de espia do de calumniador; sendo hum, e outro vilissimo parto da maledicencia, filha da diabolica malevolencia. Sagacissimos exploradores são os olhos dos rapazes, que tanto mais pequenos, quanto mais agudos, quanto mais simples, quanto mais fieis, porque como amaõ mais ao pay que aos outros, e procuraõ que os ame a elles mais que aos outros, dizem o que vem.

A oitava,

A oitava, que sustentem em casa os criados velhos, que os serviraõ moços. Ingrato he o caçador, que deita de casa o caõ, que havendo sido utilissimo, he já inutil pela velhice; porém mais inhumano o senhor, que não alimenta ao criado antigo, de quem, em quanto teve forças, foi bem servido. Se o amo não necessita já do criado, necessita o criado do amo. Não póde merecer mais, mas já he benemerito. A que não he pago do serviço presente, deve ser premio do passado; e se a elle faltaõ forças para servir, aos outros cresce o animo para servirem bem; e he verdade, que até o ultimo espirito o criado envelhecido he utilissimo em casa, porque a nenhum outro se entregaõ mais seguras as chaves das portas, que ao que foi fiel; e quando esteja de todo impedido, basta que tenha olhos, porque ainda que não póde fazer, attenderá ao que os outros fazem.

Nona, que resolvendo-se os senhores a castigar a hum criado, o que não aconselhamos, não seja grave o castigo, sendo a culpa leve, porque o castigado em vez de considerar na emenda, pensa na vingança, e he melhor deitar de casa a hum offendido, que ter nella hum inimigo. Mandou Astiages avô de Cyro a seu criado Arpago, que matasse a Cyro, por haver sonhado, que do ventre de sua filha nascia huma vide, que cobria toda a Asia: foi-se o criado do innocente infante, e dizendo que o matara, o deu a criar secretamente: foubé-o Astiages, e mandou secretamente matar a hum filho de Arpago, e convidando-o a comer, o fez pôr diante para o comer, e depois que esteve farto, lhe mandou pôr diante os pés, a cabeça, e as mãos: diffimulou Arpago, e tratou de mover a Cyro, para que tomasse armas contra seu avô; e fazendo-o, criou Astiages seu Capitão General a Arpago, o

qual voltado as armas contra seu amo em vingança do agravo, o privou do Reyno, e da vida, com que acabou o Reynado dos Medos, e principiou o dos Persas. Valente exemplo para que os amos, ou não castiguem com tanta severidade aos criados, ou não façaõ confiança alguma dos que houverem aggravado.

Decima, que os senhores se portem com os criados como pays, porque acharaõ em criados reverencia, estimaçãõ, e obsequios de filhos: percaõ o nome de senhores, que sãõ arrogancia, e lhes tiraraõ o nome de criados, que sãõ inimigos: cuidem como os pays em seus augmêtos, e cuidaraõ elles como filhos interessados em seus decóros: assistaõ-lhe em tempo da enfermidade, e affiçaõ, que se os amos se souberem fazer em seus trabalhos olhos, que attentem por sua necessidade, elles se saberãõ fazer mãos no laborioso de seu serviço, e com isto terãõ em cada criado a assistencia de muitos, porque he muy poderoso o querer; e d'outra sorte entre o fausto, e barafunda de numerosa familia viverãõ como em Guiné; contarãõ muitos gastos, e nenhum serviço, como diz Claudiano.

Ultima, que os criados tenhaõ mayor, ou menor estimaçãõ, regulada pelo ministerio de cada hum, sem que em sua ordem tenhaõ mais carinho, ou lugar no affecto do senhor hum que outro, sendo igual no merecimento o seu serviço.

Temos fallado nos criados, e parece nos esquecemos de outra servidaõ não menos necessaria, porém mais perigosa, que sãõ as criadas; estas sãõ taõ necessarias para servirem as senhoras, e as filhas, e meninos, como os criados aos senhores; porém muy arriscado o seu serviço, porque se sãõ velhas, mais necessitaõ de serem servidas, do que de servir; se sãõ moças, e alentadas, menos vi-

gilancia he necessaria para guardar huma Fortaleza dos inimigos, que huma criada dos criados; porq quem poderá guardar o que ella deseja perder? A igualdade da forte he aconsiliadora do amor; a communiidade do comercio he a paranimpha da sensualidade; e a sensualidade junta com a pobreza, he o corretor dos furtos domesticos: não bastaõ as fechaduras, que separaõ a estancia das mulheres do resto da familia; porque como disse o Proverbio antigo: *O amor tem as chaves*; nem basta a fealdade para guarda da honestidade; porque nenhum animal ha tão feo, que a outro animal não pareça formoso. Fóra disto, o que intenta render a honestidade da senhora, ou das filhas, compra a fé das criadas, as quais, como lhe falta riqueza, e lhes sobra astucia, não vendem mais difficulosamente a honestidade alhea, que a propria.

Confessamos, que para evitar desordem tão ordinaria, se nos não offerecem mais que tres reparos: hum as espias de criados velhos, e meninos pequenos, porque divisaõ de longe os primeiros indicios: outro, procurallas vergonhosas, e bem procedidas, e evitar lhe todo o genero de trato, e conversação com os criados: ultimo, que aos primeiros indicios, bem que incertos, usar tais rigores, tais cautelas, e prevençoens contra a malicia, que ainda a innocencia fique atemorizada, e sem esperar mayores provas, pollas na rua.

Non est, crede mihi, multos qui possidet agros

Dives, sed dives, cui satis unus ager.

E por isso aconselha Horacio, que cada hum se contente com o que pos-

Quod satis est, cui contingit, nihil amplius optet.

A quantos a ardente febre de ajuntar

L I Ç A M XXVI.

Da Fazenda.

A Ultima coufa de que se compoem huma familia, e de que necessita para sua conservaçaõ, he a fazenda, que cõrresponde aos tributos de hum Reyno. Confiste esta, como escreve *Aristoteles lib. 1. Rhetoric. cap. 5.* em dinheiro, herdades, alfayas, gados, escravos, e casas: divide-se em natural, e artificial; natural he aquella, que está fundada em o proprio terreno; artificial he aquella, que se funda na industria propria. As familias, humas são illustres, outras nobres, outras plebeas, e cada huma destas será affas rica, se tem o que lhe basta, e affas feliz, se se contenta com o que lhe basta, porque o desejo humano he só o que faz rica a pobreza, e pobre a riqueza; razão porque sendo perguntado Democrito, de que maneira se poderia fazer hum homem rico, respondeo, segundo *Estobéo Serm. 12.* que sendo pobre de desejos; e porque sendo perguntado Epitheto, qual seria mais rico entre os homens, respondeo, que o que tinha o que lhe bastava: e Socrates, como refere *Estobéo Serm. 5.* que o que se contentava com pouco: aquelle chegou a ser rico, diz Quintiliano, que não appeteeo mais riquezas: *Satis divitiarum est nihil amplius velle*: e daqui inferio Wem, que não era rico o que possuia muito, mas só aquelle, a quem contentava o pouco:

sue, se quer viver satisfeito com o que goza:

riquezas accende a insaciavel sede de adqui-

adquirillas, e no logro das muitas, o liquido elemento, que refrigera, que lhe permite a forte, alimentaõ o ardor mais intenso, que o abraza; o desejo de alcançar as mais, que lhes e assim como este com a muita agua nega a fortuna! Qual enganado hydropico, que quanto mais bebe, mais naõ mata a sede, assim aquelles com as muitas riquezas naõ satisfazem o fomenta a sede, sendo para com elle desejo, diz Ovidio:

*Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit,
Et, cum possideant plurima, plura petunt.
Sic quibus intumuit suffusus venter ab unda,
Quo plus sunt potæ, plus sitiuntur aquæ.*

E sendo a abundancia das cousas a que causa o fastio dellas, como refere Tito Livio: *Copia fastidium gerit*, bem se infere, que he pobre o que tem muitas riquezas, pois na posse dellas deseja mais; o que bem entendo Seneca dizendo, que de mais necessitava quem mais tinha: *Multis eget, qui multa habet*. E assim no parecer de certo Poeta só he rico o que nada deseja.

Duas sortes de pessoas ha no mundo, que naõ sabem o que tem: huns, que naõ tem nada, e outros, que tem muito; e ambos estes extremos saõ muy nocivos à conservaçaõ das familias; porque assim como a alampada com pouco azeite se apaga, e com muito se affoga, assim as familias com pouca fazenda se acabaõ, e com a muita se perdem. Os barcos pequenos em as grandes tempestades se perdem; os navios grandes em as grandes calmarias ficaõ inuteis: as riquezas medianas, como os navios medianos, se governaõ melhor na tempestade, e na calmaria. Disse Aristóteles, que em as Cidades havia tres especies de homens, huns ricos, outros pobres, e outros medianamente ricos, e que os do terceiro genero logravaõ a melhor sorte: *In omni civitate sunt tres species hominum, divites, pauperes, mediocres, quarum ultima est optima*. Perguntando Plataõ, que riquezas seriaõ convenientes que se possuisssem, diz Estobéo *Serm. 92*. que respondeo, que se deviaõ possuir aquellas, que

nem occasionassem envejas, nem parifsem traçoens, mas as que só bastassem para se naõ experimentarem faltas do precisamente necessario.

Saõ as riquezas espinhas trataveis, e lizas, mas no extremo agudas, e penetrantes: parecem em vida agradaveis, e suaves, porém chegando ao extremo da morte, crueis sem piedade atravessaõ o coraçãõ, penetraõ a alma, e causaõ infeliz, e immortal desafocogo. Conta Estobéo, que sendo perguntado Eucrito, qual quizera ser, se Cressõ, se Sócrates, respondera, que Cressõ na vida, e Sócrates na morte. Saõ espinhas, que desmedraõ, e affogaõ as plantas fructuosas, e o vigor forte das potencias; e por isso refere Estobéo *Sermão 92*. que dizia Diógenes, que nem em Cidade, nem em casa rica tinha lugar a virtude. Saõ espinhas, e çarças, aonde se recolhem os mais vís, e peçonhentos animais, os vicios, e peccados da Republica, que a destroem, de que nascem as guerras, e contendas entre os mortais, como diz *Salustio in Catilina*. Saõ espinhas, que tiraõ a repelloens às pelles dos innocentes cordeiros, ficando-se com a lã em as unhas: pellaõ aos pobres, levantando-se com parte de seu trabalho, se naõ com todo, e às vezes os deixaõ nus em os Hospitais; e por isso perguntando Chilon, que cousas eraõ riquezas, escreve *Anton. no Sermão dos ricos*, que as definio hum thesouro de todos os males, hum viatico de todas as calamidades. Saõ

elpinhas de intrincada carga, aonde voluntariamente se arroja o homem miseravel; e prezo nellas, não póde fahir, e morre cercado de dores; ao

que parece alludio Horacio às angustias, que padecem os ricos, de que as riquezas os não isentaó:

*Non domus, aut fundus, non æri pondus, & auri,
Ægroto domino deduxit corpore febres.*

E por isso Theopilacto na 1. Epist. ad Thimot. cap. 6. compara as riquezas aos sentidos, e cuidados; porque assim como estes affligem, desasocegaó, e inquietaó aos que entre a diversidade, emultidaó delles fluctuaó, assim aquellas atromentaó, ferem, e enfanguentaó, prendem, e mataó aos que com ellas por huma, e outra parte combatidos se entregaó ao ambicioso cuidado de adquirillas, conservallas, e augmentallas. Saó finalmente espi-

nhas, que até que o voraz fogo as não consome, sempre brotaó, e esterilizaó a terra em que se reconcentraó, donde disse elegantemente Seneca, que não passava os fins das miserias o que accumulava montes de riquezas: *Multas parare divitias non finis miseriarum fit, sed mutatio*, porque quando a enchente dellas vai de monte a monte, ainda lhe fica insaciavel appetite para dizer com Horacio:

— *Magno de flumine mallem.*

Aos quais succede o que disse o mesmo Poéta, que he sepultarem-

se na mesma corrente:

*Plenior ut siquos delectet copia justo,
Cum ripa simul avulsos ferat Anfidus acer.*

De que servio a Alexandre fahir vencedor em taó famosas emprezas, adquirir taó gloriosos tropheos, e alcançar victoria de taó perigosas batalhas, se morreo faminto de não ser senhor de todo o mundo, e de não haver mais mundos, que podesse conquistar? De que servem os cofres cheyos de ricas, e preciosas pedras;

se não tem tanto preço como pezo, que lança ao profundo das tartáreas aguas dos cuidados (tormento o mais rigoroso) o desvelo de conservallas entre a difficuldade de adquirillas, como escreve a honra dos Poétas Inglezes, e admiracão dos que contemplaó seus agudos discursos, Joaõ de Wem, nos seus Epigramas:

*Quid si gemmas omnes cumularis, & aurum,
Si tua tartareis mens cruciatur aquis?*

Não he o nosso intento persuadir, que se não estimem as riquezas, porque sem ellas se não podem conservar as familias, as nobrezas, os Reynos; mas antes aconselhamos, e advertimos que os homens de boa geraçáo, e generoso animo justamente podem por todos os meyos honestos, virtuosos,

e possiveis evitar a pobreza, causa de tantos males, como he notorio? porém devem guardar na possessão dellas as regras seguintes.

Primeira, que entrem as riquezas Pela porta da virtude, porque riqueza mal adquirida, não he riqueza, se não pobreza; porque se não póde con-

contar por proprio o que he alheyo. A riqueza mal adquirida faz perder a outra bem adquirida entre inimidades, e litigios, e tira o que val mais que as riquezas, que he a opiniaõ, e graça Divina; o que ainda o Gen-
tio Sócrates entendo em os dictames naturais: *Virtute nullam possessionem, nec honestiorem, nec durabilem esse decebit*; e he melhor possuir pouco honestamente, que muito injustamente, escreve Salomão no cap. 26. dos Proverbios. Ordinariamente se gasta mal o que por mãos meyoas se alcançou: muy poucos entraõ no Templo da virtude por ella mesma, infinitos no da riqueza pela mesma: *Alciato Emblemata* 128. Muy poucos se entregaraõ ao estudo da Sagrada Theologia para o empregarem em o bem das almas, se não para pertenderem Beneficios com o alvo a que tendem, e antes de en-

trarem nos Beneficios, Canonicatos, e Bispados, fazem diligente exame do que valem, e nenhum das obrigaçoens, que comfigo trazem. Muy poucos se deraõ à Jurisprudencia, nem pertenderaõ os cargos della para exercitarem justiça, se não para enriquecerem a sua familia. Muy poucos se applicaraõ à medicina para darem faude aos enfermos, se não para bufcarem commodidade aos sãos, e talvez à custa de muitas vidas. Muy poucos se offereceraõ às duvidosas ondas do mar pelo amor da religião, conservaçaõ da Patria, e serviço do Reyno, se não para trasladarem as riquezas dos q bufcaõ para suas proprias casas. Muy poucos procuraraõ a administraçaõ da fazenda do publico, e particular para a aproveitarẽ, se não para com ella se enriquecerem; pelo que disse *Horacio lib. 1. Epist. 16*:

*Perdidit arma, locum virtutis deseruit, qui
Semper in augenda festinat, & obruitur re.*

Segunda, que a fazenda seja possuida, e não possuidora; porque as riquezas, como ensina *Arist. lib. 1. Rhetoric. cap. 5.* consistem mais no uso, que na posse. Quem usa das riquezas, he senhor dellas, e quem com ellas se não aproveita, nem faz bem a outro, he escravo dellas na sentença de Plataõ, segundo *Estob. Serm. 92.* a grandeza consiste mais em o bom uso das cousas, que na posse dellas, escreve Plutarcho: *Non in habendis rebus, sed potius in utendis magnitudo sita est.* Compara *S. Basilio in lucam* as riquezas aos póços, cujas aguas bolidas, e tiradas, correm melhor, e se conservaõ; e apodrecem, e se corrompem se se não usaõ; assim as riquezas usadas são uteis, e proveitosas, não só a quem as possui, mas ainda ao publico; e esquecidas, são damnosas ao publico, e particular. O uso das riquezas he que as faz boas, ou más; se o uso he bom, taõ fora está de se-

rem nocivas às virtudes, que antes são hum grande adjutorio dellas, como ensina *Santo Ambrosio in Luc.* Use-se bem das riquezas, e logo as riquezas seraõ boas, diz *S. Bernardo Serm. 4.*

Terceira, que nas riquezas se fuja o vicio da soberba, porque he achaque este, de que ordinariamente enfermaõ os ricos, como escreve *Santo Agost. Serm. 24.* aonde avalia igualmente por difficultoso o não padecerem esta enfermidade, e por generoso o animo, que entre as riquezas não enferma deste vicio, que Sócrates conforme a *Estobéo Serm. 92.* diz que muda os homens, como o vaso o vinho, e não só aos homens, mais ainda aos brutos, como mostrou a experiencia no cavallo Bucéphalo de Alexandre, de quem conta *Plinio*, que quando estava nú, consentia que todos o montassem, mas tanto que se via arreado, não se deixava montar

montar se não por Alexandre ; porém assim como nem os freyos dourados fazem melhor o cavallo, assim tam-

bem a riqueza não faz melhor aos homens no sentido de *Seneca de Vita beata cap. 6.* e no do Poeta Lyrico:

*Licet superbus ambules pecunia,
Fortuna non mutat genus.*

Antes da mesma sorte que o cavallo sem freyo se não póde montar, senão podem governar as riquezas sem razão, conforme *Estobéo Serm. 3. da temperança*; porque sem ella serão como aquelles, que possuindo hum bom cavallo, ignorão a arte de o montar, segundo *Isócrates*. A fineza do ouro ao toque da pedra *Lydia* se conhece: o animo, e o coração do homem ao toque das riquezas se descobre, como escreve *Laercio*, e o refere *Quintiliano*: *Divitiae potentia, & gratia certissimum faciunt morum experimentum*. Muitos corações ha desconhecidos, que por não soprar o vento da riqueza, parecem que são a mesma humildade, a quem se entrasse em casa esta Deosa tão idolatrada de todos, foraõ a mesma soberba. Outros ha, que ao mesmo passo que lhe crescerão os bens, se augmentou nelles a humildade, como sua inseparavel irmã, e companheira a charidade; a estes se deve ajudar para que voem, e àquelles se devem cortar os passos para que não andem, da mesma maneira que cortamos as penas das azas às aves, que não queremos que voem. Costumão as riquezas fazer aos homens desconhecidos não só dos mais, mas de si proprios, e principalmente os que nasceraõ pobres, e depois a fortuna levantou a melhor estado; porque como não estavaõ costumados a estes fumos, lhes sóbem mais facilmente à cabeça, e os tornaõ como homens sem juizo,

e como tais fallaõ, e se trataõ. Diz *Aristoteles no liv. 2. Rhetoricor. cap. 16.* que as riquezas não são outra cousa mais que huma ditosa doudice; e sendo a riqueza doudice, não he muito que faça doudos aos ricos.

Quarta, que com igual cuidado se fuja nas riquezas à enveja, e à luxuria, porque são estes vicios monstruoso parto das riquezas, como afirma *Seneca Epistola 28.* dos quais trataremos largamente na lição da enveja, e da luxuria; razão porque agora nos não detemos em discorrer nestas materias.

Quinta, que se não procurem as riquezas de repente, mas que pouco a pouco se ajuntem; porque da mesma sorte que as flores, que nascem cedo, morrem prestes, e as plantas, que crescem logo muito, duraõ pouco; assim as riquezas, que com brevidade se ajuntaõ, com a mesma se disbarataõ, como refere *Plutarcho in Apoph.* Diz *Salomão aos 28. capitulos dos Proverbios*, que não sabe a brevidade com que passaõ as riquezas àquelle, que deseja enriquecer com brevidade: *Vix qui festinat ditari, & aliis invidet, noverat quod egestas superveniet ei*: mais facil he de rico fazer-se mais rico, que de pobre fazer-se rico, porque da privação ao habito se passa difficilmente; mas o habito se augmenta facilmente com os actos, o que conheço *Wem no Epigramma*, que escreveo a *Pontico*:

*Pauper es, haud facile est fieri te, Pontice, ditem:
Dives es, ex facili ditior esse potes.*

Escreve *Philostrato*, e o refere *Lip- sio*, que hum sabio, a quem chama-

vaõ

vaõ Atico, achou em sua casa hum thesouro riquissimo, e temendo-se que o accusassem ao Imperador Nerva porque o callava, e recolhia, escreveu ao Imperador, que o achara; Nerva respondeo *Utere*, usay delle. O homem naõ se dando por seguro ainda com aquella reposta, tornou a eserever, e declarou, que o thesouro era grande, e desproporcionado para elle, que era hum homem particu-

lar, o Imperador lhe tornou a responder: *Ergo abutere*, como dizendo: se esse thesouro, que achastes, he improporcionado com vossa pessoa, fortuna, e esphera, abusay delle. Donde se colhe, que as riquezas adquiridas de repente, inculcaõ abusos, já entregando-se à gula, já à luxuria, que como diz Ovidio, com as riquezas se cria:

Divitiis alitur luxuriosus amor.

Ultima, que as riquezas se tenham como vilinhas, mas naõ como inseparaveis companheiras; porque se succeder faltarem, nos naõ magoem: usemos dellas, mas naõ nos gloriemos com ellas, e isto como particularmente depositadas nas nossas mãos. Tudo he de *Seneca Epist. 82.* Naõ ha final mais evidente de hum animo pequeno, e curto, que estimar muito as riquezas; nem prova mais concludente de hum animo magnifico, e generoso, que possuillas como emprestadas, como diz *Cicero lib. 1. de Officiis*; nem argumento mais claro de que Deos nos ama, e nos quer enriquecer no outro mundo, do q̄ tirarnos a riqueza neste; verdade, que naõ pretendendo persuadir, nem com a autoridade da Sagrada Escripura, nem dos Sagrados Doutores, que em tantas partes nos inculcaõ esta verdade, mas com a de hum Gentio, que só com o lume natural da razãõ a conheceo; este he Plutarcho, que in *Apopht. 193.* diz, que naõ he admiração, que Deos encha de riquezas aos maos, e prive dellas aos bons, porque assim como o bom pay de familias prohibe os frutos verdes aos filhos para que lhe naõ façãõ mal, e os permite aos criados, e estranhos; assim Deos prohibe as riquezas aos bons que ama, para que com ellas se naõ percaõ, e as permite aos maos.

Entre os bens, que hum pruden-

te pay de familias deve procurar com mayor cuidado, devem ter o primeiro lugar humas casas em que more; porque saõ estas, segundo *Arist. lib. 1. Politicor.* companheiras quotidianas: miseravel he aquelle, que habitando nesta terra commua, naõ tem palmo de terra sua. O que naõ tem casa propria, he hum corpo morto sem sepultura: está no mundo, e fóra delle; mais infeliz que as feras, que em as grutas, e cavernosos escondrijos lavraõ seus domicilios, thalamo, e sepultura, gostando todos de envelhecer aonde se criaraõ, e de morrer aonde nasceraõ. Aos justos, e santos promette Deos, por boca de Salomaõ em o *Cap. 14. dos Proverbios*, casa permanente; aos maos, e injustos os ameaça com a breve duraçãõ de seu domicilio: *Impii delebitur tabernaculum, justorum vero permanebit.* Se pois he bençaõ do Céo ter morada perpetua, necessario será ter casa propria. Os appellidos tomaraõ nome das casas; que naõ tem casa, naõ té appellido. He forasteiro na sua patria quem tem casa alugada; anda em continuo movimento; naõ habita, se naõ perigrina; deita a perder as alfayas nas mudanças, pondo-as em publico pregaõ; e já mais produzem aquellas plantas, que se andaõ continuamente transplantando, como diz *Seneca: Non convalescit planta, nec utiliter proficit, si ad diversa loca transferatur.*

T

A ca-

A casa se fabrique nas Cidades mais fortes, e conhecidas; porque hum dos mayores legados, que os pays podem deixar aos filhos, he o haverem-lhe dado boa Patria, como já fica mostrado na *Lição da Eleição dos Ministros*. Seja formosa, e saudavel; porque a formosura da casa condiz muito à formosura dos filhos, e o saudavel do ar à saúde; assim o aconselha Seneca: *Non tantum corpori, sed etiam moribus salubre solum eligendum est*. Será formosa, se tiver porta, e escada magnifica, cantos claros, adornados de pinturas eruditas, que firvão de documentos, e adornos: será saudavel, se por huma parte olhar ao Austro temperado, e por outra ao Bóreas frio, para se zombar de hum, e outro em a Estancia contraria; porém tenhaõ hum lado, e o mais habitavel ao Oriente, porque são mais bellas, e fecundas as plantas, que recebem os primeiros rayos do Sol, e desta forte hum vento emenda o outro, e ambos purgaõ o ar. Sejaõ as que bastem para terem a familia, e se tiverem horta, se gozarão em casa as commodidades da Cidade, e do campo. Deve o sumptuoso das casas corresponder ao numero das fazendas, diz Aristóteles, porque he argumento de que estas seraõ grandes, quando aquellas se ostentarem magnificas: *Est magnifici, & honorati viri domum edificare, cujus modus, & dignitas ad divitias accommodanda est; queritur enim ex domo dignitas quedam, & que sint divitiæ*: donde conclue o mesmo, que se não deve perdoar aos gastos, e dispendios para que as casas sejaõ honorificas, porque como estas se conservaõ por largos annos, e as riquezas melhor se applicão a cousas que duraõ por muitos seculos, ficão bem empregadas as que nos edificios, e casas são dispendidas: *In*

eas res potius profundere pecunias que diutius durare oporteat. lib. 4. Ethicor. cap. 2.

Depois das casas deve o prudente pay de familias estabelecer as suas rêdas nas herdades, porque as riquezas mais notorias, e mais nobres são as rendas das herdades: estas são thesouros, que tem mais, e multiplicaõ sem damno algum. O ouro nasce do lodo, e depois resplandece: só com a terra he licito ser avaro, tirando della cento por hum; porque he máy igualmente prodiga, e avara, e por isso torna aos filhos taõ grande usura, porque sabe que tudo ha de voltar nella; mas não he prodiga para com os negligentes, nem piedosa para os que o são com ella: quer que a trabalhem: se não a rasgaõ, e rompem, tudo frustra; porém nada a fecundará mais que a vilta, e pés do dono, porque se se fiados criados, e feitores, ou a deixaráõ infrutifera, ou será para elles o fruto. Em a agricultura consiste a principal riqueza dos Reynos, a conservação das Villas, e Cidades, e a mayor commodidade dos vassallos. Vida alheya de pleitos, trapaçás, e mentiras, enganos, e corrupçoens das Cortes da qual *Cicero* 1. *Offic.* diz o seguinte: *Omnium rerum, ex quibus aliquid requiritur nihil est agriculturâ melius, nihil uberius, nihil libero homine dignius*; vida, em a qual participou do menisterio dos Anjos aquelle bemaventurado, e Santo lavrador *Isidro*, Patraõ Real da Corte de Hespanha, de quem todos sabem, que lavravaõ aquelles em quanto este orava: vida, em que Deos revelou seus mais altos segredos aos santos, e antigos Patriarchas, como testemunhaõ as sagradas letras: vida, que *Horacio* lib. *Epod.* Ode. 2. julgou por bemaventurada, e *Virgilio* 1. *Georg.*

O' fortunatos nimium sua si bona norint

Agrícolas, quibus ipsa procul discordibus armis

Fundit humi facilem victum justissima tellus.

Os gados foraõ a primeira riqueza, que houve no mundo, porque nelles consistiaõ as mayores, que no principio delle houve. Era entaõ mais rico quem tinha mais gados, e delles se derivou, segundo muitos, o nome *pecunia*, que significa dinheiro, mas hoje bastará ser quãto se augmente nelle o cabedal, segundo o que for necessario para o uio da agricultura, e serviço de casa, porque se se emprega muito nelle, faltará para o emprego das herdades, tanto mais seguras, quãto mais duraveis, tanto mais frutiferas, quanto mais cultivadas.

A estas riquezas naturais se seguem as artificiais, que saõ as que se tiraõ das artes. Se a Arte he mecanica, as riquezas seraõ mecanicas, se suja, sujas, se liberal, liberaes, porque tais saõ os effeitos, quais saõ as causas; mas ainda que as riquezas nascidas das artes liberaes, sejaõ mais nobres a respeito das mecanicas; a respeito das que produzem as herdades proprias, saõ menos naturais, e menos honrosas; porque as virtudes como não saõ appeteciveis se não por si mesmas, não olhaõ ao util, senaõ ao decoroso; assim ainda que as sciencias sejaõ mais nobres que as herdades, com tudo a renda das herdades he senhoril, e a das sciencias jornaleira. A mercadoria de moeda em os bancos se he curta, he vil, se he grande, he perigosa; huma, e outra incompativel com a nobreza ingenua. A prata, ainda que branca, tinge de negro as mãos, como disseraõ na cara ao avô de Augusto, que era usureiro.

A coroa de todas as rendas he a parcimónia; quem a tiver no dispende, e gastar, tem huma grande renda; quem não a tiver, por mais rico que seja, vivirá pobre. Todo o homem prudente deve primeiro exami-

nar os livros da receita de sua casa, que entre a mandar fazer os da despesa. Os gastos não se haõ de fazer à medida da necessidade, mas devem-se comensurar com a das rendas, porque só aquella casa está bem governada, donde nada sobra, e nada falta; nem tambem pelas qualidades de quem o dispende, porque não se paga o que se gasta com a qualidade de quem o dispende, mas com o dinheiro, e fazenda, que possuiue. He excellente regra gozar dos bens como quem ha de morrer, mas perdoar-lhe como quem póde viver. O homem, que gasta mais do que tem de renda, virá necessariamente a vender as fazendas que lhe rendem, e ficará peor do que se nunca as houvera possuido; porque sentença he de Xenophonte referida por *Estobéo Serm. 15.* que mais se sente a falta da privação, que do habito; inconveniente, que se evita com a virtude da parcimónia, com a qual os animos prudentes consideraõ as forças de suas rendas, para não fazerem gastos que as excedaõ. O melhor caminho para adiantar nas riquezas, he atrazar nos gastos, como diz *Plutarcho Apophth. 3.*

Quem não joga, tem huma grande renda; porque tudo o que possuiue o q joga, está posto em a mesa, e a fortuna variando, tira a hũ, e dá a outro, e empobrece a ambos; e se enriquece a hum, juntamente com a fortuna haverá entrado o engano; e fazenda fraudulenta não passa a terceiro possuidor. A quantos este destimido ladrão (o jogo digo) despojou sem resistencia das fazendas mais gigãtes? que como tem tantas cartas, traz nelas o seguro para alentar seus insultos à vista de quem sem contradição os admitte. A quantos vemos, que perdendo as joyas, e ricas peças, paramentos,

Tij

mentos,

mentos, e adornos de luzidas familias, perderão seus luzimentos, porque as obscuras, e mal debuxadas sombras de hum papel occasionarão eclipse às suas luzes. Quantos vemos, que neste encontro, sem dar passo adiante, deixaraõ generosos cavallos, sendo-lhe mais nocivo o ingrato ocio desta estancia, que o veloz impulso de huma carreira? Quantos vemos,

*Quis nescire potest tam clara, & magna beata
Damna domus? Venduntur equi, venduntur equorum
Ornamenta, palam queruntur fenore magno
Multiplices nummi, nec pignora parva dabuntur,
Sed phialæ ingentes, & nota toreumate claro
Vasa, quibus clari maiores ante bibebant.*

Os quais com igual engenho, e fimi-
lhante estylo traduzio D. Francisco
de la Torre em metro Castelhana di-
zendo:

Quien ignorar podrá la desluzida
Fortuna de una casa esclarecida,
Y noble muchas vezes?
Vendense los cavallos, e los jaezes
Con vergonçolas ya publicidades:
Buscanse a mucho daño quantidades,
Nó las prendas, que ofrecen son
fencillas,
Pezadas, fuertes son, ricas baxillas,
Gravados vasos de oro en esplendores,
Donde bebian antes los mayores,
Y ya los vasos sobre a desventura,
El vil juego una vez, y otra la usura.

E logo mais abaixo refere o misera-
vel desasocego de hũ vicioso jogador:

Si soy tahir, el Cavallo,
Me despeña, y alborota,
Apassioname la Sota,
Y El Rey me haze su vassallo;
Hambre en los manjares hallo,
Por tudo al Basto condeno,
Por liga el Oro está lleno,
Y por tyrannos estylos
En las Espadas ay filos,
Y en las Copas ay veneno.

que desta abominavel palestra fahiraõ
nús, naõ porque lhe fosse necessario,
para entrar na contenda, depõr os
vestidos, mas porque se houveraõ
nella de tal sorte, que para se livra-
rem, lhe foi forçoso deixar a capa?
Todos estes estragos pintou com as
vivas cores do seu discurso Nicoláo
Causino, que nos seus *Symbolos selectos*
diz assim:

E fallando da infame invençaõ das
cartas de jogar, diz nesta forma:

Tahir deste libro que hablo,
Letras los numeros son,
Razones, la fin razon
De su estylo, Author el Diablo;
Registro al Miron le entablo,
Mecenas al Guritero,
Erratas tanto azar fiero,
Titulo tanto Rey vano,
Prólogo el alçar por mano,
Y fin el de tu dinero.

Ora vejaõ os que se entregaõ a taõ
abominavel vicio, e considerem bem
estas razoens, e conhecerãõ aquel-
les desastrados fins, a que os enca-
minha esta sua perversa inclinaçaõ,
que naõ contente com lhe tirar as ri-
quezas (necessario adminiculo das
familias) os arroja a precipicios da
mesma vida, pois como diz o Poeta
Lyrico, naõ he a casa de jogo outra
cousa se naõ huma officina, em que se
lavraõ estuantes iras, mortais inimi-
fades, e tristes pendencias, nas quais
(se o consideraõ com juizo desapai-
xonado) veraõ os evidentes riscos a
que expoem a vida.

Convem tambem assegurar a ca-
sa dos furtos dos estranhos, e dos
criados

criados : dos estranhos affigura a vigilancia dos criados , e destes a do amo , que na opiniaõ de Aristóteles se deve deitar ultimo de todos , e levantar-se primeiro que nenhum : *Prius decet dominum expurgisci , quàm servi , & posterius ire cubitum* , porque emquanto o amo dorme , furtaõ elles ; e por isso se naõ devem ter criados calados ; porque a todo o animal , que pare , enima anatureza a ser ladraõ : nem deixar entrar em casa pessoas mendigas , ainda que pareçaõ fieis , e piedosas , porque de todos manda prevenir cautela o *Cap. 23. do Eccles. A filiis tuis cave , & à domesticis tuis attende*. He malissimo genero de ladroens o que se vê reduzido a necessidade de roubar , porque o furto he irreparavel pela pobreza , e digno de compaixão pela necessidade ; e assim naõ se imputa a culpa ao que roubou , mas ao que se deixou roubar. Nem tambem devem os amos ser avarentos ; porque vendo os criados , que naõ se servem os amos daquillo que lhes sobra , buscaõ o que lhe falta , e tem piedade de soltar as riquezas aprizionadas. Concluimos , que as riquezas saõ necessarias para a

Aut pecus , aut latam civis habebat humum :

Hinc etiam locuples , hinc ipsa pecunia dicta.

Ou do nome *peculium* , que significa os bens dos servos ; ou finalmente , como escreve *Plinio no liv. 33. cap. 3.* do uso , que os antigos observaraõ de esculpir em todo o dinheiro huma figura de gado. Saõ os nomes das couças hũa recopilada definiçaõ da essencia dellas ; hum breve sobre escripto , com que em breves letras se decifra por fóra o que passa por dentro ; hum abbreviado rotulo , em que se substancia em poucas palavras , o que no fogeito se póde ler em muitas regras ; hum compendiozo titulo , com que se explica em sũma o que contém a materia ; hum curto epilogo , em que se

conservaçaõ das familias , e que se deve usar dellas como emprestadas , gastando-se como quem hade morrer , e poupando-se como quem póde viver , porque este he o dictame , e doutrina expressa de Luciano , e Thomás Mouro.

L I Ç A M XXVII.

Do Dinheiro.

NA passada liçaõ tratamos da Fazenda , e naõ fallamos no dinheiro , debaixo de cujo nome se comprehendem todas as cousas , como sentio o Jurisconsulto Joviano ; porque como pedia mais largo discurso esta materia , nos resolvemos a discorrer sobre ella em nova liçaõ , para que possessemos instruir melhor aos Leitores em materias , em que de ordinario ficaõ às escuras os que naõ entraõ nellas com muitas luzes.

Tomou o dinheiro o nome de *pecunia* , conforme a Alciato do nome *pecus* , que significa *gado* , em que consistia toda a riqueza dos antigos , como disse Ovidio :

reduz a pouco , o que se pudera dizer em muito ; huma resumida rubrica , em que se manifesta no vermelho , o que se podia dizer no preto ; huma demonstraçaõ , por onde se vem em conhecimẽto da materia que se trata ; huma palavra finalmente , com que se manifesta cada hum pelo que he : e por isso Plinio , e Seneca aconselhaõ , que aos meninos se ponhaõ sempre nomes , que soando pouco , contenhaõ muito , e que pelo que significaõ , obriguem aos que o possuem a desempenharem nas obras o que promettem no titulo ; porque qual for o titulo , tais seraõ as obras , diz *Lampridio*

pridio in Alexandrum Severum; porque hum nome insigne promette insignes obras, razão porque o mesmo Lampridio os reputa por honorosos.

Sendo pois o nome das cousas a significação dellas, que estimação merece logo o dinheiro, que ou se denomina dos gados, ou do peculio dos servos, mais que a que tem hum bruto, ou hú vil criado, se não for quem o estima mais animal, que o mesmo bruto, ou mais humilde, que o mesmo servo? Mas oh lastima digna de

se chorar com lagrimas de fangue, que sendo o dinheiro tão humilde pelo nome, seja tão nobre pela estimação, que chegassem até consagrar adoraçoens à liberdade, à gloria, à virtude, à fama, à religião, às letras, e às armas, e a ter a seus pés postos em almoeda para o que mais der, os habitos, os titulos, as dignidades, os Scéptros, as Coroas, e as Thiaras, como escreve *Horacio lib. 2. Satyra 3.*

Virtus, fama, decus, divina, humanaque pulchris,

Divitiis parent, quas, qui construxerit ille,

Clarus, fortis, justus, sapiens, & etiam Rex.

Ou como diz Ovidio, e Petronio, tudo ao dinheiro se rende; em to-

da a parte acha porta franca: diz aquelle:

Curia pauperibus clausa est, dat sensus honores.

O discurso de Petronio he o seguinte:

da a parte acha porta franca: diz aquelle:

Quisquis habet nummos, securo navigat aura,

Fortunamque suo temperat arbitrio.

Multa loquor, quid vis, nummis presentibus, opta,

Eveniet, clausum possidet arca fovem.

Que ufanos, e soberbos estão os ricos, vendo a seus pés abatidas todas as sortes de pessoas, a quem sua enganada cegueira, lhe não dá a conhecer a differença da dissimulação, e hypocrisia, que julgaõ virtude e religião: tão parecidas são no habito, e acção exterior, que apenas se distinguem, e o vulgo ignorante lhes troca os nomes; mas que grosseiro entendimento se persuadirá já mais a que a verdadeira religião admitta hum idolo profano, e vil, em competencia de hum Deos Eterno, e Omnipotente; nem que a virtude perfeita, que se contenta com o moderado, profre a veneração do que não deseja? Mas a corrupção dos nossos tempos julga as cousas pelo que parecem, e não pelo que são.

Vemos tão luzido, e idolatrado este dinheiro, que nos crelce a curiosidade de examinar-mos a nobreza de seu nascimento, para vermos se nella descobrimos alguma desculpa às suas estimaçoens; mas consultando os naturais, nos dizem, que a sua origem he lá no profundo da terra, paredes meyas do Inferno; e que se fórma das escorias mais vis da mais humilde terra, que à força dos rayos do Sol, e repudios da terra se vai transformando de maneira, que de terra passa a pedra, e desta a metal, que ao depois nos rigores do fogo perdendo as fezes, fica quanto mais afogueado, tanto mais fino, e cobrando depois de tantos fracassos a cor de amarello, ou pelo que tem de desconfiado, ou pelo que tem de infidioso,

villão por origem, e nascimento, seja tão atrevido, que não haja couza, que não penetre, e alcance; porque he muy ordinario nos fugeitos de nascimento humilde, o serem atrevidos: assim o quiz dar a entender Philippe, Rey de Macedonia, quando, sendo-lhe mostrada huma Fortaleza ao parecer inexpugnavel, perguntou, se poderia subir a ella hum aino carregado de ouro; e o mesmo se nos persuade na fabula de Dánae, filha de Acrisio, Rey de Argos, e de Euridice sua mulher. Apenas Dánae gozou a primeira luz do mundo, quando o pay, movido da geral superstição dos Gentios, consultou o Oraculo, e lhe foi respondido, que o que nascesse de sua filha, o privaria da vida, e do Reyno, como succedeo depois: o velho Rey, para fazer mentiroso o Oraculo, mandou lavrar huma Torre fortissima, guarnecida toda de barras de ferro, ou como outros dizem, huma estancia subterranea debaixo de seu mesmo quarto, feita de bronze impenetravel a qualquer força; e aqui encerrou Acrisio a Dánae desde sua tenra idade, com a ama que a havia criado, deixando-a à segura guarda de ferozes, e robustos leões, e valentes soldados: creceu a bellissima, e innocente cativa, e com ella a rarissima formosura, cuja fama, mais livre que sua dona, chegou à noticia de Jupiter, que namorado, e poderoso se converteo em chuva de ouro, e a gozou fazendo a máy de Persêo, que por desgraça matou ao depois a seu avô. No que bem se verifica o que pôde o dinheiro, como considerou certo Poeta.

Nem tambem que tire a honra a quem por natureza a tiver, e a dê a quem por nascimento a não logra; porque sendo geral aphorismo, que hum semelhante he semelhante a outro, e que hum a outro ama, não pôde lograr os favores do dinheiro, se não quem for tão mal nascido como

elle; verdade, que vemos acreditada da experiencia, que o dinheiro não descança, nem se conserva, nem se amontôa de ordinario, se não em casa de villãos, que com trabalho o ajuntão, com temor o conservão, e com pena o deixaõ tão difficultosamente, que antes deixarão a vida, e perderão a alma, que consentirem, que das mãos se lhe tire hum real, contentando-se só com a vista do dinheiro, e tacto, trazendo-o muitas vezes nas mãos, mas não para o dispenderem, por não terem animo de sabello gastar; e com serem huns Thersites em a fealdade, e por outra parte huns Esqueletos consumidos de voluntarios jejuns, por não gastarem, presumem ser os mais bizarros, e louzãos de todo o mundo, por se verem coroados por mãos de Venus, e Pitho, q os persuadem, q são formosos, sabios, discretos, virtuosos, e nobres; e sendo tudo ao contrario, não faltaõ lisongeiros, que rendidos ao vil interesse, lhe formaõ huma sonhada genealogia, fazendo-os descender de sangue illustre dos Godos; e se for necessario, haverá quem prove, que os Godos procedem de seu sangue; outros lhes attribuem por escudo das Armas de suas casas, aquelle, que seus mesmos pays ignoraraõ. A rainha do dinheiro lhe presenta esposas nobres, e ricas, com applauso geral dos parentes, que cegos com o esplendor do ouro, manchaõ sua antiga, e nobre prosapia, com alianças, ainda que ricas, indignas de sua generosa ascendencia. Que usanos, e soberbos estaõ estes ricos, sem advertirem, que os não cortejaõ a elles, nem à sua pessoa, se não ao seu dinheiro!

Nem outrosim, que o mesmo Placão calle aonde falla o dinheiro, como refere Caufino; porque como mal nascido, a tudo se a treve, e enfaixando-se com presumpções de Divino, não dá lugar a que em sua presença falle palavra alguma lingua humana.

*Solus is Deus est, dites Dii, Numina Nummi,
Cum plausu loquitur Pluto, tacetque Plato.*

Que es Diós el dinero se halla,
Numen el rico, el doblon
Deidad; con satisfacion
Pluton habla, e Platon calla.

introduzio o dinheiro no mundo!
Mas oh quanto introduzidos vemos
no múdo estes errados dictames! Ain-
da o mais eloquente Homéro se não
escuta, como diz Ovidio:

Oh que errados dictames saó os que

Si nil attulleris, ibis, Homere, fords.

Si llega sin dinero,
Que dará a fuera el ingenioso Homero.
Em vaó se cança quem persuade com
razoens, se não confirma com dadi-

vas, e corrobora com dinheiro, por-
que só este infunde copiosa Rhetori-
ca, só aquellas substituem razoens effi-
cazes, como agudamente disse Wem:

*Qui caret argento, frustra nititur argumento;
Qui dare scit, non qui dicere, Rbetor erit.*

Se não diga-o o seu Traductor, que
fallando no mesmo assumpto sobre di-
verso Epigramma, discorre assim:

Es lo que más amonesta,
Y lo que persuade más.

Moneta viene à monendo,
Que el dinero a quantos ay,

E dilatando mais o discurso sobre os
poderes do ouro, diz delle estes vi-
tuperaveis encomios:

H Ambre preciosa, general desvelo,
Adorada inquietud, precisa guerra,
En lo redondo, imagen de la tierra,
Remedio en el luzir del alto Cielo.
Ardente Sol del coraçon más yelo,
Del tronco mais infiel voluble sierra;
Mayor imperio tu poder encierra,
Que el que derriba muros por el suelo.
Al más cobarde con tu valor armas,
Al mayor sordo con tu son penetras,
Y al mayor ciego a tu esplendor conduzes.
Las mas triunfantes siempre son tus armas,
Las de mas eloquencia son tus letras,
Y las de mas devotos son tus cruces.

O' villaó quem te desferrara, ou pa-
ra melhor dizer, ó idolatrado metal,
quem te tornara a enterrar lá nas en-
tranhas da terra, donde te delenter-
rou a cobiça dos homens, para que
se acabaraó no mundo tantos dam-
nos, quantos nelle occasionas, de que

naó está isenta a donzella mais reco-
lhida, nem a caçada mais honesta;
porque he taó soberano o teu poder,
que vence mais que o mesmo amor,
que sendo, no sentir de Ovidio, o
que vence tudò, chega a ser por ti
venido, como bem ponderou Wem,

em hum Epigramma, em que referio seus poderosos effectos :

Serpentes, nantes, gradientes, atque volantes

Hos, has omnes, hoc omnia vincit amor.

Hic, hęc, hoc, nummus, regina pecunia, & aurum,

Sunt tria, queis vincens omnia, cedit amor.

Com razão andas marcado, para que todos te conheçaõ por ladraõ, para se não fiarem dos enganõs com que roubas : com razão andas cruzado, para que saibaõ, que de ordinario es taõ mal procedido, que mereces te cruzem a cara : bem experimentaõ os defaçoegos, que caufas em quem te possue, Amonio, de quem conta Plutarcho, que se foi queixar gravemente a hum Imperador, que de pobre o havia feito rico, de haver perdido com a pobreza o sono, e descanço ; e Sigismundo Cesar, de quem escreve *Enęas Sylvio lib. 4. in res gestas Alphonsi*, que trazendo-lhe de Hungria huma grande quantidade de dinheiro, e mandando-o guardar na camera donde dormia, foraõ tais os cuidados, que lhe sobrevieraõ a que uso o destinaria, que não podendo tomar o sono, se levantou da cama, e chamando os criados, o repartio com elles ; e tornando à cama achou o sono, e o descanço, que o dinheiro lhe havia tirado. E melhor hum Basilio, hum Bento, hum Bernardo, hum Jeronymo, hum Agostinho, hum Domingos, hum Francisco, hum Ignacio, e hum Joaõ, generosos Capitaes de hum sem numero de soldados, que debaixo de suas invenciveis bandeiras militaõ na terra como soldados do Céu, postos em campo contra as apparentes riquezas do mundo, em defeza da virtude da voluntaria pobreza, por cujo meyo se conseguem em a terra os bens do Céu. O' virtude valente, ainda aos olhos de teus inimigos formosa ! ditoso quem te segue, e desgraçado quem se deixa enganar das vans, e apparentes riquezas do mundo : teu, ó

voluntaria pobreza, he de direito o Reyno dos Céos !

De tudo o que havemos dito vimos a concluir, que de todos os bens da fortuna, nenhum merece menos estimaçaõ, que o dinheiro ; porque nenhum entre todos he mais vil, nem caufa mayores defaçoegos, nem mete em casa de quem o possue mayores vicios ; razão porque será conveniente a todos a que chegar, lançallo fóra de casa com a brevidade possivel, trocando-o, e empregando-o em outros bens, que sendo mais uteis, sejaõ menos viciosos. O dinheiro em casa he esteril, e nas mãos de quem o possue arriscado ; e possuir com risco, e sem fruto, não he de homem prudente.

Coroemos esta liçaõ com a decisaõ daquella questaõ, taõ intricada entre os Politicos, que não he facil decidir a que parte se inclina o mayor numero, que pergunta, se he licito o ter thesouro ? A que respondemos com distincão entre os Principes, e os vassallos : nestes será imprudencia fazer thesouro ; porque tanto sepultaõ no cofre, tanto se privaõ na renda, que com o emprego delle podiaõ adquirir, sem o perigo a que está exposto quem tem dinheiro, ou motivado dos repetidos empręstimos, de que não he facil livrar-se, ou occasionado dos roubos, a que está offerecido ; porque he muy difficuloso de guardar o de que muitos necessitaõ, e o que a todos agrada, como diz Seneca : *Magno cum periculo custoditur, quod multis placet* ; mas sempre será prudencia não deitar fóra de casa todo ; porque sempre se deve reservar algũa parte para promptamente

ptamente se poder acudir à necessidade, e occasião, que talvez sem se procurar, nem esperar, entra em caía.

Naquelles o reputa por necessario Santo Thomaz, para poderem conservar seus Reynos. São os Principes pays do Povo, a quem todos voltaõ os olhos em a necessidade publica; e mal os poderaõ soccorrer, se não o tem. Quando Roma atheourava, floreceo com o imperio do mundo; e quando desfez os Erarios, se desfez, e acabou. As formigas são empreza viva das Resppublicas bem governadas; e das da India Occidental se escreve, que atheouraõ, recolhendo em suas covas grãos de ouro em a búndancia. As riquezas em os Principes são seguridades; em os vassallos, perigos: haõ de ser os particulares accomodados; mas rico o commum, diz Horacio. Roma, diz Santo Agostinho, se perdeu por haver-se apartado deste ponto em aconjuracão de Catilina. Em não havendo thesouros, se carregãõ tributos, e se aggravaõ os vassallos: com elles se governaõ, e crescem os Reynos em paz, e em guerra como escreve Paulo Jovio lib. 13. porque segundo Thimoteo, referido por Bras. lib. 5. cap. 10. he o dinheiro o sangue, e alma dos mortais, e o que carece delle, vive morto entre os vivos. A espada não fere se não tem fio de ouro, disse SAVEDRA; e he mais glorioso usar do dinheiro, que das armas, diz Plutarcho in Corioliano.

Escreve Eplilinio in Cesare, que dizia Cesar, que o poder dos Reynos consistia em duas cousas, em dinheiro, e em soldados, que dando-se mutuamente as mãos, conservavaõ, e augmentavaõ os Principados, cujos nervos eraõ os thesouros; como tambem refere Xephilino, que costumava dizer o Imperador Vespasiano; e Cicero lib. 2. de Benef. os chama fautores de cousas grandes. Nas guer-

ras não bastaõ os soldados, he tambem necessario o dinheiro, sem o qual he impossivel fazellas, como diz Tuciddes lib. 1. antes o dinheiro he mais preciso ainda que os mesmos soldados, porque he mais poderoso que o ferro como testemunha Tacito lib. 2. Conta Veiga ao Psalm. 5. que hum famoso Capitaõ, perguntado do seu Principe, que seria necessario prover para certa guerra, que emprendia, respondera com huma só palavra Dinheiro; e que sendo reperguntado, se seria necessaria polvora, artelharia, gente, munição, mantimentos, cavallos, náos, e outras cousas, tornara a responder: Dinheiro se aperceba, que nelle se cifra tudo; as demais cousas ellas se vêm, ou se achãõ facilmente, havendo dinheiro.

He louvavel, e preciso, que os Principes accumulem thesouros, pelos graves inconvenientes, que se seguem de não tellos, de entrar em guerras com emprestimos, e subsídios; e porque os Principes confidentes de ordinario as movem quando os vêm faltos delles, como diz Tuciddes lib. 1. com elle se faz a guerra, se ajusta a paz, se defendem os termos, se affugentaõ os inimigos, se fabricaõ Baixeis, Navios, e Galéras, de que os Principes devem ter muito, porque seraõ senhores da terra, se forem senhores do mar. Não conseguiraõ os Romanos ser senhores do mundo, até que não navegaraõ, diz Curcio. Em quanto tiveraõ os nossos Principes poder no mar foraõ senhores do mundo: cresceo o Reyno, e encheo-se de riquezas, e a todos os mais de temor, assombro, e respeito, porém depois que faltou o poder do mar, se diminuiu o Reyno, e o respeito. Bem conheceraõ o que importava aos Principes o ajuntar thesouros Cyro, que deixou cincoenta milhoens de ouro; Sardanápalo, que deixou quarenta; Tibério, que deixou setenta e sete; Da-

vid, que deixou cento e vinte, que he a mais numerosa quantidade, que até hoje se ha contado; o nosso D. Pedro que deixou a seu filho D. Fernando o mais numeroso thesouro, que se ha visto na Europa.

Supposto que os Principes devão viver com esta prevençãõ, a confiança se ha de por em Deos: quanto o Principe se vir mais favorecido

Vilius argentum auro, virtutibus auro.

Naõ tem o ouro sempre igual valor; porque sua estimaçãõ consiste na carestia, e naõ na verdade: algumas naçoës o gastavaõ em fabricar delle grilhoens, e cadeãs para os delinquentes; enriqueciaõ ao mais ruim, carregando-o com mayor cadeya, desprezando o ouro com estylo taõ estranho. O preço do que se faz por Deos, sempre tem a mesma estimaçãõ; a verdade de quem o prometteõ, he a mesma sempre. Servir, e amar a Deos, he o mayor thesouro dos Principes porque ainda que lhe faltem, naõ lhe faltaráõ meyo; e tendo-o enojado, de nada lhe servirá quãto tiverem. Imensos thesouros juntou Salomaõ, todos se acabaraõ, porque deixou a Deos: exuberantes riquezas tiveraõ Exechias, e Josaphat, e porque as consagraraõ a vaidades, e jaçtancias, as perderaõ, tirando-lhas os Reys de Chaldêa.

Os feitos illustres militares, ou literarios, sem os quais ha pouca nobreza bem fundada, são os fundamentos solidos da humana nobreza, e mūdãna gloria, porque comer muito, vestir custoso, e ter grande casa a poder de riquezas, dinheiro, sem acçãõ, que cheire a honra, ou animo generoso, são ditas, que propriamente se devem chamar antipodas da fama gloriosa, que taõ longe estão de ennobrecerem, que antes se podem chamar infamia; porque sendo as riquezas proprio apparatus, para

do Senhor, ha de tratar com mayor piedade da religiaõ, e fiar mais nella, que em o dinheiro, que está sujeito a que lhe falte, e a que lho roube o inimigo; mas naõ corre perigo a honra que se faz a Deos, e o que nella se atheioura; e he a razãõ, porque o Poëta Horacio, sendo Gentio, ainda com natural discurso antepoz ao dinheiro a virtude:

cada hum se illustrar com ellas pelas armas, ou pelas letras, e formar-se hum famoso nome, o desviallas deste fim, e usar dellas em comer, e vestir custosamente, he infamia, de que só se livra o irracional, que por falta de razãõ, tem toda a gloria do possuir no logro de bem comer.

Feçamos esta liçãõ com aquellas palavras, que traz *Seneca no lib. 6. de Benefic.* que traduzidas em nosso idioma, nos daõ nas seguintes hum importantissimo documento para o uso, e estimaçãõ das riquezas. Todas estas cousas, que vos fazem inchados, e vos elevaõ sobre o imperio dos homens, obrigando-vos a que vos esqueçais da humana fragilidade (as riquezas digo) que em clausura de ferro guardais, como armados, e procurais defender com vosso proprio sangue o ouro arrebatao do suor alheyo, pelo qual conduzis portaveis lenhos; que com sanguinolentas ruinas cõstumaõ manchar as escumas do mar; e por isso bateis muros, roubais povos, sem advertir quantos rayos tem prevenido a fortuna para vos tornar infelices, por isto rompeis tantas vezes o pacto da confederaçãõ, a fé do parentesco, a ley da amisade; todas estas cousas naõ são vossas, estão em deposito estes thesouros; já esperaõ cada dia outro dono, que he o inimigo, que os ha de usurpar, ou o successor, que osha de invadir. Valente authoridade, para que os homens saibaõ usar das rique-

riquezas, sabendo dispendellas com prudencia como alheyas, e guardal-las com prudencia como proprias, illustrando-se com ellas não menos para com o mundo, que para com o Céu, empregando-as em remediar por amor de Deos ao necessitado, em levantar ao cahido, em amparar o def-favorecido, em remediar o pobre, em-pregando-as em serviço da Patria, ou pelo caminho das letras, ou pela estrada das armas.

L I Ç A M XXVIII.

Da Prudencia Monastica.

Temos tratado da Prudencia Politica, que respeita ao bem publico, e da Económica, que olha ao bem da familia; resta tratar-mos da Monastica, que respei-ta ao bem do individuo de cada hum de nós, o que faremos brevemente nesta lição.

O corpo humano se póde confide-rar como huma familia pequena, em a qual o espirito, e carne são os con-fortes, a quem obedecem os filhos das paixoens, e servem de chufma os sen-tidos; e muitas vezes fica violado este direito económico, por ser de-masiadamente suave o que manda, ou demasiadamente contumazes os que servem; ou como huma Republica pe-quena, em a qual he Monarcha o en-tendimento, e os nobres os affectos, e a plebe os sentidos exteriores; e quantas vezes se quebranta o direito politico, porque o Principe pede cou-ras illicitas, ou a plebe conspira contra o Principe; damnos, que se evitaõ nas familias, não mandando o pay de familias com viciosa suavidade, nem servindo com demasiada contumacia os criados; e nas Respublicas não pe-dindo o Principe cousa injusta, nem conspirando contra o Principe a ple-be; e com este mesmo temperamento se deve haver cada hum de nos pri-

meiro consigo, porque o individuo está primeiro que a especie, e a es-pecie que o genero, porque as cousas singulares são primeiro que as uni-versais. Que a proveita pois saber go-vernar a outros, e não saber gover-nar a si? Não he sabio o que desco-nhece a si mesmo, nem prudente o que o não he para si; vicio de que foi notado Cesar, que sendo bom Impe-rador para os outros, o não sabia ser para si. Censura Plataõ os que tratan-do do commum, se esquecem do pro-prio: *Rediculus qui sua ignorat, & aliena curat*; havendo de ser em nós primeira a direcção de nossas acço-ens, as quais se devem ordenar pelos dictames da razão para serem bem di-rigidas, e governadas. Mandem com razão o espirito, e a carne, e logo obedecerão com ella as paixoens, e os sentidos: peça com razão o en-tendimento, e logo corresponderão leais os affectos, e os sentidos.

Em quatro cousas se resume toda a Prudencia Monastica, em viver, em ter saude, não obrando a caso, nem por impeto se não com de libe-rado, e recto conselho. Vamos a cada huma com brevidade. A vida se deve estimar, não como bem eterno, mas como temporal, e momentâneo, para se empregar bem, e com proveito. O sabio, e o prudente, diz *Seneca Epist.* 72. ha de cuidar qual he a sua vida, mas não quanta ha de ser, porque não está a bondade no viver muito, se não no viver bem. O viver bem, escreve *Marcelino Fecino nos livros das car-tas a Jeronimo Pascalino*, consiste em entender a verdade, em consultar o bê, em querer o justo, em obrar oli-cito; porq o primeiro he dom da sciê-cia, o segundo da prudencia, o ter-ceiro da justiça, e o quarto da perse-verança. Não nascemos neste mundo só para nós, mas primeiro para Deos, depois para a Pattria, e ultimamente para nós: sendo a vida em primeiro lugar de Deos, que no la não deu, mas em-

emprestou, devemos fazer della toda a estimação, para que a restituamos com fruto a quem no la emprestou, para merecermos; e em segundo da Patria, a devemos tambem estimar muito, para que com a vida possamos adiantalla em os serviços; e em terceiro nossa, a devemos estimar de maneira, que fóra do serviço de Deos, ou da Patria, a não percamos imprudentes, mas por todos os meynos procuremos conservalla, para que com mais annos contemos mais serviços. O mesmo que dissemos da vida, se deve entender da faude, que por sentença de *Cicero pro Manil.* he o mayor bem temporal, que podemos receber da poderosa mão de Deos, o qual segundo Demósthenez, he incrível, que nenhuma pessoa despreze.

E daqui nasce, que nenhuma pessoa he senhora da sua vida, nem da sua faude; e por isso condemnaõ os Juristas, no modo possível, aos que voluntarios injustamente a dispende, affirmando, que ninguem he senhor dos seus membros; e alguns Legisladores ordenaraõ, que os cadaveres dos que se haviaõ dado morte a si mesmo, fossem arrojados nos bosques, para que, havendo sido féras contra si mesmos, não tivessem outra sepultura, mais que aquella, que lhe dessem as féras em suas entranhas; e a Republica de Marselha, em outro tempo livre, e bem ordenada, era implacavel castigadora dos voluntarios carniceiros de si mesmos; porém guardava no archivo publico o veneno, como huma saudavel medicina para todos os males, se se usava com legitima permissão do Magistrado; e se algum Cidadão, affligido de enfermidades, ou desfavorecido da fortuna, odiava a vida, pedia com muitas supplicas ao Magistrado licença para acaballa; e elle examinando as causas allegadas, lhe concedia licença, com a qual tomando o veneno, sahia da vida; costume verda-

deiramente barbaro.

E tambem daqui procede castigar-se como voluntario homicida ao que dava a morte ao que voluntariamente a pedia. Mortalmente ferido se achava ElRey Saul, mas porque a alma contumaz, ou não sahia do corpo por atormentallo, ou tinha por porta apertada para sua soberba a de huma ferida, e o infeliz, nem morto, nem vivo padecia, e não pencia, mandou a hum soldado seu Amalechita, que acabasse de matallo, o qual por obsequio, e por lastima, dilatando-lhe a ferida, abriu mayor porta à alma para que sahisse, e a morte para que entrasse, o que sabendo David, mandou tirar a vida ao soldado.

Consiste tambem a Prudencia Monastica, em não obrar acaço, nem por impeto, se não com deliberado, e recto conselho: boa lição sobre este ponto dá Lucio Floro, dizendo, que antes que o homem faya de casa, deve registrar as acçoens, que ha de fazer, para que sendo derivadas de bons principios, tenhaõ melhores exitos, e que voltando-se, deve findicar das obras que fez, para ver se se conformaõ com o que lhe tinha ditado a Prudencia: *Antequam à domo quis exeat, quid acturus sit, pertractet; rursus cum redierit, quid egerit, recogitet*: aquelle, que obra impetuosamente, e sem conselho, e maduro discurso, merece reprehensão no máo successo, e nenhum louvor em o feliz, porque não he senhor de sua acção o que obra sem advertencia; mas o prudente, e advertido he dono de suas acçoens, e de si mesmo, porque as paixoens domadas, obedecem à vontade, e a vontade regulada, obedece ao entendimento, de sorte que em quanto o appetite não pede se não o honesto, e a vontade não nega o que o entendimento pede, he o homem feliz. O prudente tem o entendimento fortalecido com tanta sciencia, e o cora-

ção com tanta virtude, que nem a ignorancia, nem a malicia lhe podem divertir o animo do racional, como diz Demócrito, referido por *Estobéo Serm. 3.* Vive em a justiça, que o não deixa obrar contra a ley civil; em a fortaleza, que o não deixa emprender temerariamente os riscos vergonhosos, nem fugir vilmente os riscos honrados; em a temperança, que o não deixa enfraquecer em o ocio, nem afeminar-se em as riquezas; e dando a Prudencia leys a todas as virtudes, como dizia Periandro, se coroa dellas facilmente Princeza, segundo *Estobéo no Serm. da Prudencia.* O Prudente se exercita em cousas uteis, mas não julga ser util o que não he justo, e honroso; nem lhe basta, que o fim seja justo, honesto, e util, se não se pode conseguir se não por meyo inhonestos, e injustos.

O Prudente péza com madurezza todos os meyo, e de muitos elege o melhor, consideradas as circumstancias; porque o bem, e o mal consiste mais em as circumstancias, que em as substancias das cousas, como escreve *Archistas no liv. do homem bom, e felice*: tem o aspecto, voz, e gesto grave; porque quando está o animo composto, o externo corresponde: falla, move-se, e obra lentamente porque nada obra por impeto da paixão: considera muito, delibera tarde, e executa prestes; porque estes são os eixos da Prudencia Monastica, segundo Salustio, tratando da conjuração de Catilina; e conselho do fabio Bias, segundo Laercio; conhecendo, que nenkum tempo he tão proprio para executar, como em quanto serve o animo, e por isso resolve sem impeto; mas applica-se com elle à execução, acerto, que louva *Filippe de Comines libro. 8.* nenhuma cousa julga tão facil, que não possa ter difficuldades; nem tão difficil, que não possa vencer a confiança, que esta na opiniaõ de Se-

neca libro. 4. de Virtute, he hum dos principais actos da Prudencia. Não deve ser tão pertinaz, que antes de obrar, se ouve melhor parecer, foga o seu; porque os homens prudentes devem buscar os mais prudentes, e usar de seus conselhos; assim como os enfermos guardaõ à risca os preceitos dos Medicos, os navegantes os do Piloto, os caminhantes os dos mais experimentados no caminho, como escreve *Poggio libro. 4. de Vita Ciceronis*; e daqui vem, que ou succeda bem, ou mal, não se arrepende; porque sabe, que não ha faltado pela sua parte, havendo tido a intençaõ recta, e havendo-a posto em execução; de sorte que do exito feliz he a gloria sua, e do infeliz he a culpa da fortuna.

Não olha só aos fins, mais tambem aos principios, porque no sentir de Aristóteles, aquella he perfeita cousa, que tem principio, meyo, e fim: *Totum, & completum est, quod habet principium, medium, & finem*; e sendo certo o que diz o mesmo Philosopho, que aquella cousa se ha de julgar por melhor, que a melhor fim se dirige: *Cujus finis est melior, ipsum quoque est melius*, necessario he, que o Prudente olhe ao principio, ao meyo, e ao fim; ao principio, para conhecer a bondadade do que delle procede; ao fim, para regular o util a que se dirige; ao meyo, para ver o honesto com que se execução, porque este he o verdadeiro lance da Prudencia, contemplar o util, o honesto, e o bem, que se identifica com o fim, com os meyo, e com os principios, pois só he acção perfeita, e parto da Prudencia, a que tem bons principios, meyo honestos, e fins uteis.

Sabe o Prudente regeitar os temerarios conselhos, medir o tempo, o lugar, as forças, e as occasioens, e dellas tira fruto, como refere *Graciano lib. 3. Historiarum*; nenhuma cousa ha presente, que não observe;